

EDIÇÕES



QUEM SOMOS



Assuntos



SANTA EUGENIA

editorial

*José Nogueira dos Reis*



Propriedade: José Nogueira dos Reis

Direcção: José Nogueira dos Reis

Endereço Postal - Rua da Barreira - Edifício da Casa do Povo.

Código Postal - 5070-411 Stª Eugénia

Telemóvel: 937024201

Telefone do Emprego - 259646486

Publicação - Quinzenal

Nº - 0

Série - 0

Ano - 0

Ano Cristão - 2007

# Editorial



José Nogueira dos Reis Rua da Barreira – Edifício da Casa do Povo -  
5070/411 Santa Eugénia Alijó  
Telemóvel - 937024201  
E-mail: [JNogueiraReis@sapo.pt](mailto:JNogueiraReis@sapo.pt)

Homem Simples, Mas Culto, Natural da Freguesia de Santa Eugénia, contribuiu para o avanço desta gente, em quase todas as áreas. Sempre disposto a ajudar os seus conterrâneos, teve o azar de nascer adiantado no tempo. Cultivou quase todos os meandros da cultura, desde a Filosofia à História, passando pela psicologia, até à Internet.

## Publicações

A título experimental, inicio hoje, a publicação deste pequeno boletim informativo.

Pretendo com isto, manter minimamente informados, todos os oriundos desta nossa maravilhosa freguesia.

Os temas predominantemente aqui tratados serão:

1-O que se passa de relevante na nossa aldeia no espaço de tempo de quinze em quinze dias; desde nascimentos a casamentos, passando por óbitos, até à política.

2-Conto também inserir algumas notícias do nosso concelho e até distritais .

3-Incluírei também artigos e trabalhos pessoais, bem como, temas de cultura geral, tais como:

História, filosofia, sociologia e política.

4-Estou também disponível, e, muito gostaria que os nossos conterrâneos participassem interactivamente nesta nossa modesta publicação, enviando-me os seus trabalhos:

## A direcção



## INTRODUÇÃO



### EMIGRAÇÃO

#### Resenha Histórica

A história de Portugal não se faz só de emigrantes, mas também de imigrantes. Frequentemente vieram, a pedido do Estado para aqui desenvolverem actividades inovadoras que o país carecia, outras para suprirem a mão-de-obra que nele escasseava.

No período dos descobrimentos (séculos XV-XVI), Lisboa fervilhava de estrangeiros. Algo semelhante ocorreu no século XVIII. Na primeira metade do século XX, em dois momentos o país recebeu milhares de estrangeiros, tendo muitos aqui fixado residência definitiva (ex. Calouste Gulbenkian) ou apenas temporária (ex. Ortega y Gasset). O primeiro foi nos anos trinta, durante a Guerra Civil de Espanha (1936-1939), e o segundo durante a 2ª. Guerra Mundial (1939-1945).

Durante a década de 50 o número de estrangeiros residentes, manteve-se estável, oscilando à volta dos 25.000 indivíduos. Na sua maioria residiam no país há muito tempo, ligados a importantes actividades como o comércio do vinho do porto, exploração mineira, etc.

Em 1960, a maioria dos cerca de 30 mil estrangeiros eram europeus (67%) e brasileiros (22%). Entre os primeiros destacavam-se os espanhóis (40%).

A abertura em relação ao exterior (1959), e o desenvolvimento económico a partir dos anos 60, traduzem-se num aumento dos imigrantes profissionais, nomeadamente alemães e ingleses.

No princípio da década de 70, devido à escassez de mão-de-obra, o Estado fomenta a emigração de trabalhadores cabo verdianos e de outras colónias africanas. Após o 25 de Abril de 1974, com a independência das colónias dá-se um brusco aumento da imigração das mesmas, acentuada pelos conflitos militares que nelas continuam a ocorrer.

Processa-se então uma alteração significativa na percentagem e composição da imigração. A cota da população estrangeira passa de 0,33% em 1960 (29.429 indivíduos) para 1,10% em 1981 (108.526). O maior aumento ficou a dever-se à imigração de origem africana. Em 1960 constituía 1,5% dos estrangeiros, mas em

1981 atingia já os 44%.

A entrada de Portugal na CEE, em 1 de Janeiro de 1986, provocou um natural aumento do número de estrangeiros ligados a actividades económicas, mas estimula também a vinda de um número crescente de imigrantes, não apenas dos países lusófonos, mas também de outros europeus e norte-americanos (EUA, Canadá, etc.).

No final de Abril de 2002, estavam registados em Portugal 389 mil imigrantes, dos quais 91 mil oriundos dos países do Leste europeu. Calcula-se que o número de imigrantes ilegais seja superior a 100 mil, na sua maior parte cidadãos da Moldávia, Ucrânia, Rússia e Roménia, mas também de países de expressão oficial portuguesa

## José Nogueira dos Reis



### Acerca do Historial de Santa Eugénia

Sobre o historial de St<sup>a</sup> Eugénia, preocupo-me em nunca perder de vista os princípios programáticos como horizonte de referência. Daí que o texto elaborado se procure aproximar, quanto possível, dos referidos princípios, o que não supõe, necessariamente uma submissão .

Há no programa que a mim próprio propus, pressupostos implícitos e explícitos dos quais destaco os seguintes:

- 1- O reconhecimento da importância da origem da povoação na sua história actual;
- 2- O reconhecimento da minha preocupação primordial pelo viver da pessoa humana;
- 3- O reconhecimento da importância daquilo a que costumo chamar de ciências auxiliares da história, no desenvolvimento da pessoa humana;
- 4- A minha proposta de uma abordagem hermenêutica, interpretativa, que julgo facilitará, facultará, o recurso a um significado oculto traduzível noutra linguagem, melhor, noutra ou noutras interpretações, buscas, melhoramentos, novas descobertas, etc.

A interpretação , é precisamente, uma busca de significado e distingue-se do conceito de explicação que é, nas ciências a procura de causas. Ler uma obra, é Tomá-la como um acontecimento significativo. Fazê-la emergir na sua verdadeira natureza e integridade. A tarefa hermenêutica, consiste na clarificação da obra, através do desenrolar interno do seu significado e na relação de cada uma das partes entre si, como um todo e, mais amplamente, com o espírito da época.

Daí, a necessidade de compreender a obra na sua relação com a visão do antes e com a visão total da época. É nesta dinâmica que consiste o círculo hermenêutico.

Neste meu modesto trabalho procurei fazer um pouco disso tudo ao mesmo tempo, isto é: Ao mesmo tempo que consultava e lia obras de vários autores, tentando aplicar-lhe o atrás descrito, fazia, escrevia praticamente em simultâneo, esta pequena obra, tentando fornecer ao leitor, não só o contexto épocal, mas também, quanto possível, uma visão panorâmica da totalidade do meu pensar, em relação à origem, desenrolar e actualidade, da nossa mui nobre e querida «parvónia».

Que Santa Barbara me guie nessa tarefa e guarde todos os Santa-Eugenenses de nascimento e ou opção. Pois, o que hoje somos, é fruto de uma «miscelânea» de povos e culturas que muito nos enriqueceu. É, provavelmente por isso, que nós somos como o mel; somos uma especiaria elaborada a partir de uma infinidade de pólenes, sabores e plantas.

Julgo também, ser oportuno referir, porque se me afigura legítimo, que a leitura das obras, sua interpretação e comentários, só são viáveis «se o aluno for instruído nos processos, problemas e doutrinas históricas, psicológicas e até filosóficas, que alimentam o discurso do autor. Pretendo referir com isto, que a precariedade do meu saber leva-me muitas vezes a lacunas e ou vazios, impeditivos para mim, de vos apresentar um trabalho que, senão mais profícuo, com certeza, mais científico. Peço por isso humildemente desculpa.

Para além da eventual resistência que um texto de história, mais ou menos difícil, pode criar no leitor (resistência que em mim é infinitamente alargada), há que ter em conta que no caso particular da história de St<sup>a</sup> Eugénia, os textos (escritos ou falados) que na maior parte das vezes encontramos, achamos, encontram-se repletos de interpretações em que a mistura do científico se encontra envolvida num emaranhado de interpretações, dizeres, alusões, «à-partes», lendas e mitos, em que o que os separa é tão ténue, que ainda dificulta grandemente essa original problemática.

Nesta óptica, abordei o historial de Santa Eugénia, como pressuposto fundamental para a compreensão do essencial ao longo dos tempos. É minha convicção que este não é o horizonte final, o que implica a exigência de uma abordagem da nossa história, que englobe campos como: arqueologia, gastronomia, folclore, antropologia e outros, para os quais, não estou particularmente preparado, informado, e, muito menos, certificado.

Considerando ao menos que eu tenha conhecimento que, pela primeira vez, há a preocupação de elaborar, numa visão - mais ou menos de totalidade a história de Santa Eugénia, foi apenas e só, minha preocupação contribuir para que outros dispusessem de um ponto de partida quiçá mais capazes para um trabalho mais completo e meritório, aguçando-lhe ao mesmo tempo, o apetite para o devorar e ou ultrapassar. Pois, não obstante o meu empenhamento na elaboração deste trabalho, tenho a convicção profunda, de que ele é susceptível de melhoramento e, conseqüentemente competirá a outros mais capazes, formados, por exemplo em história e ou sociologia e outros destinatários, com capacidade para tal, proporem críticas fundamentadas e sugestões no sentido de novas e diferentes abordagens, novas propostas de trabalho e novos horizontes de análise. Mais satisfeito ficaria ainda, se fossem até um pouco mais longe que o atrás referido, elaborando uma nova obra de raiz. Estarei ao dispor, para fornecer o pouco conhecimento que

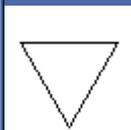
adquiri, na feitura deste.

Até lá, com a graça do senhor, um muito obrigado a todos, do sempre ao vosso dispor



José Nogueira dos Reis.

## Viva Santa Eugénia



Historial



### Visite estes lugares deslumbrantes!

O mais deslumbrante miradouro !!!



Capela de Santa Barbara

Capela de Santa Barbara -Em StªEugénia  
Cruzeiro, sede da Junta e o meu Fiat-Sport.

Interior da Igreja Matriz -1624



Igreja Matriz - Interior

A talha do Altar Mor, remonta ao sec.XVIII  
Fonte Romana - De Baixo, ou - De Mergulho

■ Páramho e Sede da Junta de Freguesia de Santa Eugénia



Cruzeiro, o maior salão de reunião do mundo !!

Mais lugares de visita obrigatória.

Sede do Grupo Desportivo Cultural e Recreativo

■ Fonte de Merguho



Não imagina as histórias que esta fonte podia contar!!!

Não perca a oportunidade de nos fazer uma visita.

Centro Social e Cultural - Rua da Veiga, nº10

■ Sede do Grupo Desportivo de Santa Eugénia - Casa Cultural -



Junto existe o Centro de Saúde e a Creche

Casa das "Escadas Redondas"



Tem apoio domiciliário

Aqui começam ou acabam, mas de certeza que se abraçam, duas sub-regiões -- pertencentes a uma só província, que dá pelo nome de Trás-os-Montes e Alto Douro.

■ Casa Brasonada na Rua do Vale

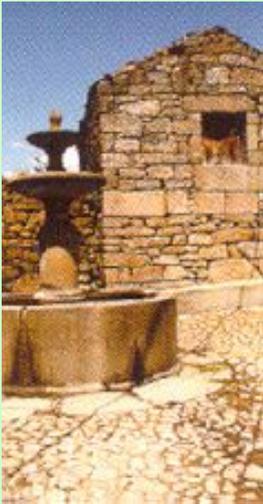


Doadas À Junta de Freguesia pela "Família Malheiro"

Se nos visitar uma vez, não deixará de nos fazer outras visitas.

Fontanário Público

O Espírito de calma, Paz e Amor, que paira neste



Um local de encontro de namorados

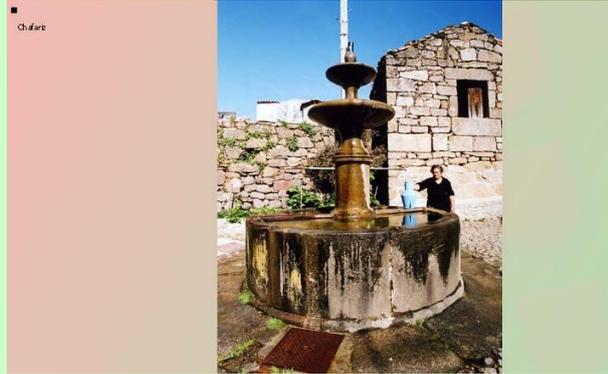
Armazém da "Sociedade Agrícola Quinta de Santa



Casa Agrícola de Santa Eugénia

Eugénia"

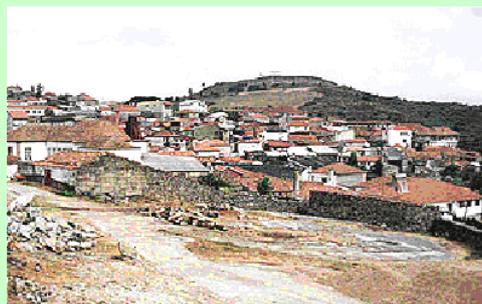
Na troca de culturas da cidade e do campo, existe



Chafariz

Lugar, merece ser visto de várias perspectivas!!!

Vista parcial da aldeia



José Nogueira dos Reis, saúda-os.

A beleza continua.

Casa e capela da "Família Santos Melo"

um mundo a explorar!!  
Investigue-o antes dos outros  
Venha.  
Obrigado inter nauta pela sua visita  
Faça agora como São Tomé  
Venha ver para querer.



Onde nasceu e viveu o avô de meus filhos -Daniel e Micaela



Santa Bárbara

● Santa Eugénia encontra-se a catorze (14) quilómetros da sede de concelho para nordeste e a um e meio (1.5) do rio Tinhela. Localiza-se no sopé do monte de Santa Bárbara, numa zona de transição do Douro para a região de Trás-os-Montes e no limite da Região Demarcada do Alto Douro, segundo os limites fixados pelo Marquês de Pombal em meados do século XIX.

● Na época medieval, esta freguesia já era referida na documentação portuguesa. Assim aconteceu desde o século XII, e parece que a freguesia terá mesmo constituído uma paróquia de origem sueva ao longo do século VI. Uma época que representou o lançamento das primeiras sementes do cristianismo.

● Segundo a lenda, o nome desta freguesia derivou da aparição de Nossa Senhora, em tempos muito remotos, no monte que hoje tem o nome de "Cabeço de Santa Barbara. Certo dia, nasceu neste lugar uma menina muito linda, a que os pais chamaram Eugénia. Esta quis dar o seu coração a Cristo, não se casando, contra a vontade do pai. Fugiu e quase morreu, assassinada por ele. No momento em que a execução se consumava, apareceu-lhe Nossa Senhora, que a salvou da morte eminente. A população, reconhecida, deu o nome de Santa Eugénia àquela terra.

● No foral atribuído a Alijó em 1226, por D. Sancho II, Santa Eugénia é uma das freguesias integradas no seu termo. Neste foral, faziam parte do concelho de Alijó as seguintes povoações:

● Alijó, granja, Presandães, Chã, Valdemir; Santa Eugénia, Casas da Serra, Carlão, Franzilha, Safres, Castedo e Cotas. Valdemir e Santa Eugénia, passariam posteriormente para o concelho de Murça, pois nas Inquirições de D. Afonso III, em 1258, se averigou «quod homines de Mussa filiavernt tantam heriditatem de Ligoo quod fecerunt ibi unam que vocatur Sancta Ougeja...». D. Afonso III, ao confirmar, em 1269, com novo foral, o anterior passado no reinado de seu irmão, ainda inclui a aldeia de Santa Eugénia, mas condicionalmente - «Do et concedo insuper vobis cum isa villa de Aligoo aldeyam de Prazenães et aldeyam de

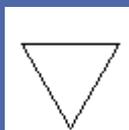
*Sancta Ogenia (...) si eas vincere per directum poteritis». A verdade é que no recenseamento de 1530, ordenado por D. João III, já Santa Eugénia aparece no Concelho de Murça com oito (8) famílias. E só regressaria à posse de Alijó com a reforma administrativa de 1853 que lhe deu a área actual.*

● *Da paróquia de Murça emancipam-se eclesiasticamente Pópulo (com os lugares de Caldebois, Estrada e Vale de Cunho), Pegarinhos (com Castorigo e Valdemir) e Santa Eugénia, de todas uma das mais antigas.*

● *Civilmente foram integradas no Concelho de Alijó com a referida reforma administrativa de 1853 (?)*

● *Eleitores inscritos em 31 de Dezembro de 2003 - 442*

● *Eleitores inscritos actualmente ( ) 440*



## Portugal

**Nome oficial** - República Portuguesa

**Fundação da Nacionalidade** - 1143

**Instauração da República** - 1910

**Sistema Político** - democracia

**Símbolos Nacionais** - Bandeira Nacional e Hino Nacional

**Língua** - português (existem também duas pequenas áreas onde se falam mirandês, derivado do asturo-leonês, e barranquenho). O português é ainda língua oficial noutros sete países e é falado por mais de 200 milhões de pessoas

**Sistema constitucional** - Presidente da República (eleito por sufrágio universal cada cinco anos), Assembleia da República (eleita por sufrágio universal cada quatro anos), Governo (constituído com base na eleição para a Assembleia da República), Tribunais (Tribunal Constitucional, Supremo Tribunal de Justiça, tribunais superiores especializados [Administrativo e de Contas], tribunais de segunda instância e tribunais de primeira instância)

**Partidos políticos representados no parlamento** - Partido Socialista, Partido Social Democrata, Partido Comunista Português, Partido Popular, Bloco de Esquerda, Partido Ecologista Os Verdes

**Divisão territorial** - duas Regiões Autónomas (Açores e Madeira) e 18 distritos no Continente

**Capital** - Lisboa

**Área** - 92 152 km<sup>2</sup>

**População** -10 536 milhares (2004)

**População activa** - 5 523 milhares (2004)

**Densidade populacional por km<sup>2</sup>** - 114 (2004)

**Religião maioritária** - Católica Romana

**Moeda** - Euro (dividido em 100 cêntimos)

**Produto Interno Bruto** - 135 035 milhões Euros (2004)

**Produto Interno Bruto per capita** - 12 817 Euros (2004)

**Clima** (temperaturas médias)  
Costa e Arquipélagos - Inverno: 12º; Verão: 21º  
Interior e zonas montanhosas: Inverno: 5º; Verão: 25º

História

#### Historial

A história do Estado Português começa com a assumpção do título de Rei por D. Afonso Henriques, conde de Portucale, em 1143. Esta ruptura política com o Reino de Leão é provocada por uma aliança entre os grandes senhores a sul do Rio Minho, com o apoio de algumas ordens religiosas e militares. Os seus grandes centros são Braga (a mais antiga capital dos reinos pós-romanos e que disputava a primazia cristã das Espanhas com Santiago de Compostela), o Porto e Coimbra.

As primeiras escolhas que se colocam ao reino são entre a expansão para Norte (a Galiza, com quem o irmana a cultura e a religião), e para Sul (com quem também o irmana a cultura, mas, na época, dominado pelos muçulmanos). A escolha, ditada pela força de Leão, acaba por ser o Sul, conquistando o primeiro Rei quase todo o Alentejo.

A expansão para Sul, com avanços e recuos geográficos, alianças e guerras com os Estados muçulmanos do Alentejo e Algarve, continuará a ser uma constante até meados do século XIII. As fronteiras actuais de Portugal Continental datam dessa época, sendo as mais antigas da Europa.

Os conflitos com Leão (impedindo as tentativas de expansão para Leste) e com Castela (quando este Reino absorveu o de Leão) prosseguiram, interferindo os três (e depois dois) Estados nas políticas internas uns dos outros.

Ao mesmo tempo criam-se alianças (através de casamentos reais) com os outros Estados peninsulares (que não Leão) e com países da Europa do Norte e reforça-se o poder da monarquia através da aliança com os burgueses dos concelhos, evitando assim a feudalização do País. O rei passa a governar com as cortes, onde estão representados os Três Estados (Clero, Nobreza e Povo).

A conquista dos territórios do Sul faz-se através da integração das populações de religião Islâmica e Judaica (para além das populações cristãs que se mantinham sob domínio muçulmano).

Ao mesmo tempo, Portugal desenvolve-se economicamente, estabelecendo relações comerciais (exportando produtos mediterrânicos e marítimos) com a Europa do Norte e com o Magreb.

No século XIV começam a brilhar as primeiras luzes da Idade de Ouro de Portugal. A sua língua separa-se do galaico-português, a sua corte ganha brilho intelectual de dimensão europeia, funda-se a universidade.

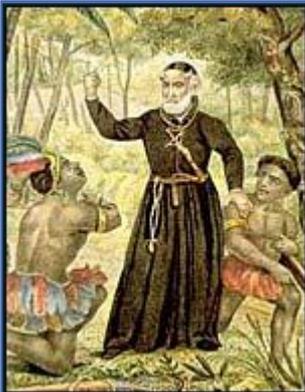
Portugal continua a interferir militar e politicamente nos assuntos da Península, sustentando guerras com o seu vizinho castelhano, mas lutando também, em casos específicos, ao seu lado contra o inimigo religioso comum (o Califado de Córdoba e, posteriormente, o Reino de Granada).

A afirmação marítima do País, que já tinha tradição de navegação anterior à fundação do Estado, inicia-se então, com as primeiras viagens marítimas às Canárias, datando dessa época a rivalidade comercial entre Lisboa e Sevilha.

O episódio de Inês de Castro, que foi cantado por toda a Europa durante o século seguinte ocorreu em meados do século XIV.

No final do século, Portugal foi afectado pela crise social que percorreu toda a Europa, conjugada com uma crise política interna relacionada com a que ocorria em Castela e na qual Portugal interferiu fortemente, tal como Castela na portuguesa.

A crise terminou com a vitória de um novo rei, com o reforço dos poderes dos concelhos e a aliança entre Portugal e a Inglaterra (a mais antiga aliança estável da



Europa), através da qual ambos os países reforçaram os seus laços comerciais e políticos e se prestaram mutuamente apoio militar (os ingleses enviando corpos de arqueiros e os portugueses enviando navios).

No século XV, resolvida a crise e estabilizado o País, Portugal lança-se na expansão para Sul e para Oeste através do oceano. É descoberto oficialmente o arquipélago da Madeira e, depois, o dos Açores, a um terço do caminho entre a Europa e a (futura) América. São conquistadas cidades no actual Marrocos.

Ao longo de todo o século a expansão marítima continua e ganha uma importância económica, política, intelectual e espiritual cada vez maior.

As viagens sistemáticas pela orla do continente africano (mas obrigando a viagens em mar alto no regresso, devido ao regime de ventos) descobrem para a Europa um novo mundo, apenas conhecido pelas memórias dos romanos (havia mil anos atrás) e pelos contactos com os povos do Norte de África.

Portugal estabelece feitorias comerciais e relações políticas com os Estados que encontra, mantendo com as zonas onde estes não existem contactos mais esporádicos. O Continente passa então a funcionar como grande placa giratória do comércio internacional entre a África e a Europa.

Navegadores portugueses exploram sistematicamente toda a costa atlântica de África e também a sua costa Índica, alcançando a almejada Índia por mar antes do dobrar do século.

Ao mesmo tempo, lançam-se em arrojadas, mas bem planeadas, expedições de exploração do Atlântico Norte e Sul, descobrindo provavelmente várias zonas da América do Norte e do Sul.

Na Europa, pela acção de Portugal, abrem-se novos campos a vários tipos de conhecimento.

No início do Século XVI, Portugal domina os oceanos Atlântico e Índico, alcançando também o Pacífico Norte. As frotas portuguesas impõem a lei no Índico, disputando a primazia, primeiro, e vencendo, depois, as frotas turcas.

Lisboa torna-se então o maior empório comercial do mundo, e o modo de vida de Portugal baseia-se no comércio pela primeira vez global.

Apesar do seu poder naval, Portugal não tem força suficiente para sequer pensar em aventurar-se no domínio da América do Norte, limitando-se a expandir-se pelo Brasil (conhecido desde o século anterior, mas só descoberto oficialmente em 1500)

de forma a proteger as suas rotas para o Índico.



A ciência produzida em Portugal dita então leis na Europa e é através dos portugueses que esta conhece (para além da fábula) a Etiópia, a Índia, a Indochina, a China, o Tibete, as ilhas da futura Indonésia e o Japão.

Dois factos vêm então marcar o começo da decadência deste império (que, mesmo assim, durará de 1415 a 1975), baseado no domínio tecnológico da navegação e da guerra naval e em pequenos pontos de apoio em terra: a importação da Inquisição e uma crise dinástica que se sucede a uma derrota militar no Norte de África, onde se tentava talhar um reino que compensasse o crescente poder da Espanha.

O chefe de Estado português passa a ser Filipe II de Espanha e Portugal vê-se envolvido nas guerras contra a Inglaterra e os Países Baixos, naquela que foi, de facto, a primeira guerra mundial, com operações militares na Oceânia, no Índico, na América e na Europa.

Portugal perde então o domínio de imensos portos e rotas no que viria a ser mais tarde a Indonésia e mares adjacentes (algumas dessas comunidades mantêm ainda hoje traços claros da presença portuguesa), mas consegue derrotar as pretensões holandesas em África e na América do Sul.

Em 1640, Portugal recupera a sua independência da coroa de Espanha (numa revolta contra o que começara por ser apenas uma união dinástica e acabara sendo uma ocupação estrangeira), mantendo uma longa luta militar e diplomática para a garantir e para limitar as perdas do seu império.

No início do século XVIII, o império marítimo do Índico, a braços com a expansão holandesa e inglesa e com a falta de poderio (desviado para a defesa do Continente e do Atlântico), soçobra lentamente, iniciando-se então o ciclo atlântico, centrado na expansão na América do Sul e na criação do Brasil e nos arranjos com os ingleses, adversários comerciais no resto do Mundo e aliados políticos na Europa, de um modo de convivência no Atlântico.

Apesar de tudo, Portugal continua a ser uma das seis grandes potências europeias e uma das quatro grandes potências mundiais.

Portugal já não dita leis no campo intelectual, científico e tecnológico, mas mantém-se a par da restante Europa.

As intervenções na Europa destinam-se exclusivamente a garantir que a Espanha não adquira o poder suficiente para voltar a realizar a sua ambição de dominar Portugal.

Ao contrário do que fizera precedentemente (no Índico, onde dominou uma estratégia de domínio de portos comerciais e militares importantes e a miscigenação racial), no Brasil, em parte devido à escassez de população, Portugal empreendeu uma política de emigração populacional e de ocupação territorial sistemática.

Ao mesmo tempo, faz-se um esforço de desenvolvimento económico e de reforma das estruturas administrativas, que encontra alguma resistência política, que fará essas reformas gorarem-se no último quartel do século. Contudo, na área do conhecimento, Portugal continua, já não a produzir, mas a importar o que de melhor se faz na Europa.

O esforço de desenvolvimento económico é limitado pela dimensão do País e pelos acordos comerciais com a Inglaterra, onde a revolução industrial já segue a pleno vapor.

Uma nova guerra europeia, derivada da revolução francesa do final do século XVIII, virá, simultaneamente, perturbar o crescimento económico e provocar a reforma política.

Devido às guerras napoleónicas, Portugal passará, por alguns anos, a ser o único Estado europeu a ter o seu Chefe de Estado fora da Europa, o que contribuirá decisivamente para a independência do Brasil, no primeiro quartel do século XIX.

Tendo sido um dos primeiros Estados de regime absolutista, mesmo «avant la lettre», Portugal só mudará para um regime constitucional no segundo quartel do século.

Este atraso, conjugado com a destruição económica provocada pelas guerras napoleónicas e a perda do Brasil, provocará um longo período de instabilidade política e de decadência económica.

Apesar de possuir extensos territórios em África, Portugal não dispõe de meios para os povoar e para defender militarmente a sua presença, num contexto em que as grandes potências (que Portugal já não é) se lançam numa política de ocupação efectiva deste continente. Ao mesmo tempo, Portugal, com excepção do Brasil, não tem uma visão de ocupação territorial (que lhe será imposta pelas circunstâncias em África), mas sim de estabelecimento de entrepostos comerciais.

Será, no entanto, forçado, para não perder a única coisa que lhe dá estatuto mundial, a proceder à colonização dos territórios de Angola e Moçambique através da ocupação militar.

O sonho de um novo Brasil (desta vez em África e de costa a costa, ligando Angola e Moçambique através de territórios regularmente atravessados, mas nunca

ocupados) é impedido pelas ambições imperiais inglesas, criando o fermento para uma nova mudança de regime político.

O crescimento económico continuou, mas de forma lenta, com Portugal a atrasar-se em relação à Europa, devido à falta de reformas nos campos relacionados com o conhecimento.

No início do século XX, Portugal muda de regime político instaurando uma República.

Resultado da crise financeira que varreu a Europa após a I Guerra Mundial e da instabilidade política, o regime parlamentar (I República) foi derrubado em 1926 por uma ditadura militar.

Em 1933, este regime deu então origem ao Estado Novo, a ditadura que governou Portugal até 1974.

Portugal procurou preservar a sua herança colonial contrariando a tendência dos tempos, mantendo uma longa guerra em três frentes que impediu o desenvolvimento económico, intelectual e científico.

O fim da mais longa ditadura da história da Europa Ocidental chegou em 25 de Abril de 1974, quando o Movimento das Forças Armadas, reinstaurou o regime democrático.

Um ano depois, foi eleita, pela primeira vez por sufrágio universal, uma assembleia constituinte, elaborada uma constituição e, mais outro ano passado, eleita a Assembleia da República (parlamento) e um governo constitucional.

Após alguns anos de instabilidade política, o regime, no começo dos anos 80, evoluiu para a democracia plena em que hoje os portugueses vivem. Com a democracia veio o desenvolvimento económico, o florescimento cultural e científico e, cada vez mais, a afirmação no campo das novas tecnologias.

Fechado o ciclo do império (com a descolonização em meados da década de 70), Portugal aderiu à actual União Europeia, mas sem deixar de procurar manter uma ligação estreita quer aos outros sete países que falam português (o que levou à criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), quer às comunidades portuguesas e descendentes de portugueses espalhadas por todo o mundo.

No presente, Portugal é um país constituído por três espaços territoriais (as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, no Atlântico, e o Continente, na orla atlântica da Europa).

É hoje um país estável social e politicamente, economicamente próspero,

humanamente desenvolvido e que se afirma cada vez mais pela sua atitude e capacidade de diálogo e de entendimento da diferença e pela sua cultura e modo de vida, resultado de séculos de estreita convivência com modos de vida diferentes, a partir do momento em que, pela sua acção, nasceu o mundo moderno.

## **"Uma Visão à Antiga"**

### **O POVO PORTUGUÊS**

Há cerca de oito séculos, numa Península Ibérica, indiscutível unidade geofísica, habitada por homens voluntariosos e aguerridos, **formou-se, consolidou-se e tornou-se independente**, lutando com grandes dificuldades, mas tudo vencendo com determinação e tenacidade, **um Povo de características muito diferenciadas e bem definidas.**

Foi o Povo Português.

### **A BASE DO CONJUNTO PORTUGUÊS**

Mais tarde, decorridos três séculos, nos quais se confirmou a nacionalidade, esse Povo, insatisfeito no seu limitado espaço territorial e na ânsia de grandeza, desinteressou-se um pouco cautelarmente da Europa e lançou-se, através dos mares, na descoberta do Mundo, em aventura consciente e ponderada, afrontando obstáculos imensos que ultrapassou com a mesma determinação e tenacidade.

Lançou-se na descoberta do Mundo e descobriu-o. Desde então, adquiriu o conceito do universalismo e do uno, e entendeu e praticou, cada vez com maior convicção, um princípio que Cristo abençoaria. **O princípio da aproximação entre os homens; do bom relacionamento entre etnias mais e menos, muito e pouco, desenvolvidas, até à miscigenação; da missionação católica, sem prejuízo da coexistência de outras religiões e crenças; e da conciliação de culturas e tradições, e mesmo da sua fusão.**

Foi a base da textura étnico-social do Conjunto Português.

### **A PLENITUDE DO CONJUNTO PORTUGUÊS**

A meio do século XX e já bastante depois da **criação, para o Mundo, de um Brasil enorme e indiviso, multirracial e moderno**, o Conjunto Português estabilizara nessa maravilhosa textura étnico-social de autenticidade sempre crescente, cuja base se citou, e numa grandiosa estrutura pluricontinental, compreendendo a **Metrópole Portuguesa, na Europa, as Províncias**

**Ultramarinas Portuguesas de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, em África, o Estado Português da Índia e as Províncias Ultramarinas Portuguesas de Macau e Timor, na Ásia.** Este Conjunto integrava mais de vinte e cinco milhões de portugueses e abrangia mais de dois milhões de quilómetros quadrados. Isto, sem contar com os quase quatro milhões de emigrantes portugueses que, em numerosas regiões do Mundo, se mantinham e expandiam a maneira portuguesa de ser e de viver.

E, para além das referidas textura étnico-social e estrutura pluricontinental, estava, então, iminente o milagre económico, repete-se, **estava iminente o milagre económico no Conjunto Português.** Milagre com base na economia metropolitana, não muito acentuada, mas factual, sólida, crescente e promissora - crescimento anual de mais de 7%. E já produtora de uma moeda - o escudo - sadia e forte, invejada e desejada em todas as praças financeiras, e já produtora de reservas em ouro e em divisas como nunca as havíamos tido nem viríamos, depois, a ter. Mas milagre com base, também e talvez principalmente, no desenvolvimento espectacular das duas grandes Províncias de Angola e Moçambique, cujas riquezas imensas estavam em fase de adiantado arranque de exploração ou já mesmo em plena exploração - crescimento anual de mais de 9%.

Nas pequenas Províncias, o esforço orientara-se noutros sentidos. Por exemplo, em Cabo Verde **não havia analfabetos**, na Guiné **tinham sido erradicadas as doenças de carácter endémico** e em Timor, rodeado de muçulmanos, **cerca de 80% da população abraçara o catolicismo.**

Também, no Conjunto Português, se situavam **posições geo-estratégicas de excepção**, quer em termos nacionais quer internacionalmente. Posições sobre e nos Atlânticos Norte e Sul e sobre o Índico.

Ainda, em Portugal, vigorava um regime autoritário, mas cujo autoritarismo era **uma necessidade harmónica com os estados de guerra que sucessivamente, e por responsabilidade de outros, se viviam e se viveram** - Guerra de Espanha, 2ª Grande Guerra, preliminares da Guerra Ultramarina de 1961/1974 e esta Guerra Ultramarina de 1961/1974. Porém e mesmo assim, esse autoritarismo era **limitado e condicionado pelo Direito e pela Moral Cristã.** O regime conferia, deste modo, a Portugal, ao Conjunto Português, a qualidade de Estado de Direito e, consideradas certas especificidades étnicas, religiosas e culturais, a qualidade de Estado de Moral Cristã.

E, muito importante, Portugal era um **País pleno de dignidade**, com uma política e uma administração dignas, e com dirigentes e populações igualmente dignas, em termos internos e na sua projecção externa. Tal dignidade era conhecida e reconhecida pela Civilização, como o mostravam os termos das relações internacionais em que o País e os portugueses tinham e mantinham. Como casos pontuais, podem citar-se a integração e permanência de Portugal: na OTAN, a

partir de 1949, data da sua fundação; na AIEA, a partir de 1957, data do início do seu funcionamento; e na EFTA, a partir de 1959.

Kaúlza de Arriaga

"(...) esta doação faço, não por mando, ou persuasão de alguém, (...) e porque em a vossa Irmandade [Ordem do Templo] e em todas as vossas obras sou Irmão (...) Eu o Infante D. Afonso com minha própria mão roboro esta carta."

Excerto da carta de doação de Soure por D. Afonso Henriques aos Templários, 1129.

Este aturado e rigoroso trabalho de investigação de Paulo Alexandre Loução vem tornar inteligível uma das maiores (senão a maior) lacunas da historiografia portuguesa: a influência indiscutível dos templários na formação espiritual e territorial do nosso País.

Numa linguagem profunda mas acessível (o que torna a leitura apaixonante) este 'octógono temático' tem a virtualidade de harmonizar o rigor histórico com a tradição esotérica, condição necessária para entrarmos no universo 'mágico' daqueles misteriosos Cavaleiros do GRAAL.

Historial

### **As nossas mais antigas raízes**



**Panoias era a região hoje denominada de Vila Real. O Povoamento do local tem origens que remontam ao Neolítico;**

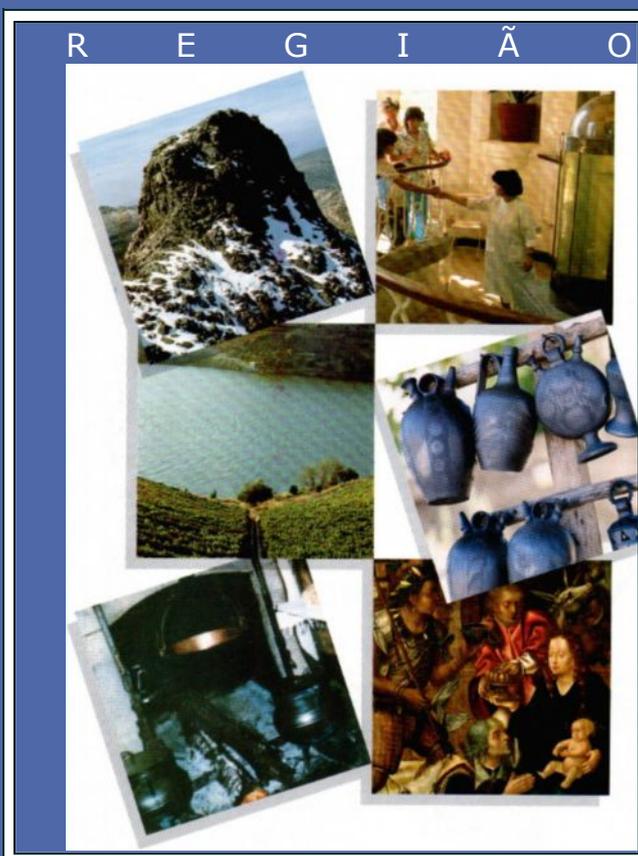
**Com a Romanização, Panoias continuou a ser local de culto;  
"...Os vestígios arqueológicos são muitos e no caso dos rochedos sagrados**

*de Constantim de Panoias chegam a ser impressionantes. É um dos mais surpreendentes testemunhos do nosso passado pré-histórico..."*

- Prof. JOSÉ HERMANO SARAIVA *in* Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal. -

O Santuário de Panóias (monumento durante muitos anos designado por Fragas de Panóias) foi construído entre os finais do século II e os inícios do século III d. C. É constituído por um recinto onde se encontram três (entre outras) grandes fragas nas quais foram talhadas várias cavidades, de diversos tamanhos, bem como escadas de acesso. Numa das rochas foram também gravadas inscrições. Esta rocha, que denominamos de n.º 1, situada na entrada do recinto, possui as inscrições conhecidas, e que chegaram até nós, embora uma delas, ainda conhecida no século passado, tenha sido entretanto destruída.

**VILA REAL**



*"Um reino Maravilhoso"!...*

*"Vê-se primeiro um mar de pedra. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela palavra rija de um Deus de terra. Tudo parado e mudo.*

*Apenas se move, se faz ouvir o coração no peito, irrequieto, a anunciar o começo de uma grande hora. De repente, rasga o silêncio da penedia uma voz assim:*

*-Para cá do Marão mandam os que cá estão!...*

*Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que magia se apoderou de nós?*

*Mas ainda os olhos interrogam as fragas, e já a voz terrosa ordena:  
-Entre!*

*A gente entra, e já está no REINO MARAVILHOSO!"*

*- MIGUEL TORGA, ed. A., Coimbra, 1950. -*

*Em 1289, D. Dinis concedeu-lhe foral e fundou a povoação;*

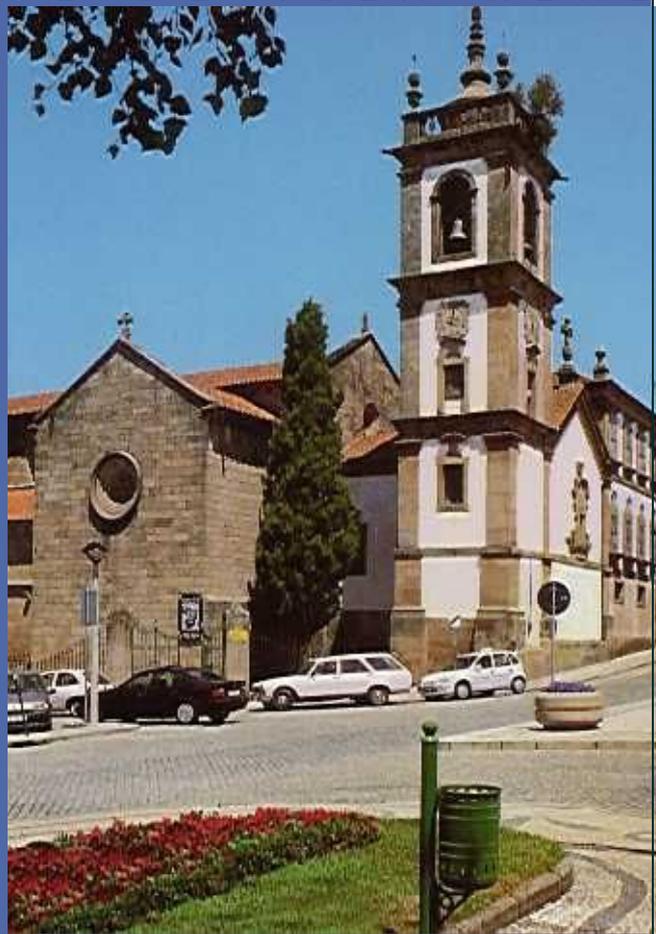
*"...Jardins magníficos e tesouros do passado são alguns dos atractivos do solar mais famoso do mundo!... Você vai ficar encantado com a Casa de Mateus. Há várias gerações que os seus orgulhosos proprietários se dedicam a preservar a sua mágica beleza".*

*- MARION KAPLAN in "A Magia da Casa de Mateus", Selecções do Readers Digest -*

Vila Real é a capital da província de Trás-os-Montes e uma cidade com vários séculos de história. Segundo se julga, terá sido habitada no Paleolítico. Depois, por ela passaram os celtiberos, os romanos, os bárbaros e os muçulmanos, sendo da época dos romanos o Santuário rupestre de Panóias. A região, pouco povoada, foi alvo de uma política de povoamento no século XII. No século XIII, D. Dinis fundou a "Pobra" de Vila Real de Panóias, que deu origem à cidade de hoje. Uma cidade onde se cruzam igrejas e conventos de várias épocas e estilos. Por ali passou o famoso arquitecto Nicolau Nasoni, deixando a sua obra visível na fachada da Igreja dos Clérigos e no solar que é um dos mais belos exemplos de arquitectura barroca em Portugal - a Casa de Mateus. Além deste solar, podem-se encontrar muitos outros nesta cidade que já chegou a ser conhecida como "A Corte de Trás-os-Montes". Depois de descobrir as potencialidades de uma cidade que é capital de uma das mais importantes províncias vinícolas do país, não é preciso andar muito em torno de Vila Real para descobrir a simplicidade de uma pequena aldeia chamada Vilarinho da Samardã, onde Camilo Castelo Branco passou os primeiros e únicos felizes anos da sua vida. Depois, uma visita a Bisalhães e Vilar de Nantes remete-nos para a simplicidade do barro preto e das mãos que lhe sabem dar diferentes formas. São já as mulheres de Agarez que aplicam as suas capacidades no trabalho manual do linho.

Nas margens do Rio Corgo, um dos afluentes do Douro, a cidade de Vila Real ergue-se a cerca de 450 metros de altitude, numa região que revela indícios de ter sido habitada desde o Paleolítico. Vestígios de povoamentos posteriores, como o Santuário Rupestre de Panóias, denunciam com segurança a presença dos romanos na região, mas os tempos que se seguiram, durante as invasões bárbaras e sobretudo muçulmanas, impuseram um despovoamento gradual que só terminou com a aproximação do séc. XII, com a outorga em 1096 do foral de Constantim de Panóias, pelo Conde D. Henrique. Em 1289, por foral de D. Dinis (o primeiro dado por este monarca a Vila Real) é fundada a pobra de Vila Real de Panóias, que viria a transformar-se na cidade de hoje.

## S É D E V I L A R E A L



### **Concelho de Alijó**

**A vila de Alijó, situada a cerca de 45 quilómetros da capital do Distrito - Vila Real - localiza-se numa vasta área de cultura castreja. Sofreu, como tantas outras localidades do actual concelho, as vicissitudes resultantes da romanização e da ocupação mourisca.**

**Implantada num eixo que terá servido de fronteira em permanentes mutações, dividia cristãos e árabes. Foi por estes destruída e posteriormente abandonada.**

**Só a partir do primeiro quartel do século XII é que graças aos sucessivos forais outorgados por D. Sancho II, (1226), D. Afonso III (1269) e, mais tarde, por D. Manuel I , já no século XVI (em Julho de 1514), recomeçou o seu povoamento.**

**Serviu de motivação para os que demandaram este concelho, além das regalias concedidas, o seu clima e solos extraordinariamente ricos, particularmente para a produção de vinho generoso, acreditado "embaixador português" em todo o Mundo.**

**No entanto, só a partir dos séculos XII e XIII é que se assistiu a uma ocupação ordenada, tendo sido atraídos vários representantes da nobreza e da alta burguesia. Foi o caso do marquês de Távora - primeiro donatário**

de Alijó e seus termos, bens incorporados na Coroa após a execução dos Távoras, em pleno consulado pombalino.

Pelo Concelho de Alijó, existem dispersas várias manifestações do seu povoamento antigo, desde castros a pinturas rupestres e a vestígios de estradas romanas. A própria hagio-toponímia evidencia que do século VII ao século XIII se manteve na área do concelho uma população laboriosa, a qual conseguiu sobreviver às investidas quer dos mouros quer dos cristãos das Astúrias.

Alijó, cuja etimologia teria origem na existência da história Legio Spetima Gemina, outras teses nos indicam que o topónimo advém da palavra Ligioo, mais tarde Lijó, que pretenderia significar a natureza pedregosa do local naquela época, tem a sua monumentalidade representada pelo pelourinho, algumas casas solarengas e a igreja com o seu conjunto de alfaias, objectos de culto e várias imagens de relativo valor.

O conjunto de arquitectura religiosa nesta vila, completa-se com as capelas do Senhor do Andor ou dos Passos; a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, no monte da Cunha, a de Santo António, no monte do Vilarelho; A arquitectura civil, com excepção do pelourinho, está praticamente circunscrita à existência do edifício da Câmara Municipal - Paços do Concelho - parte do qual construído no século XVIII e outra parte no século XIX. O brasão que coroa este edifício encontra-se picado, feito levado a cabo pelos soldados franceses na Guerra Peninsular e no qual, em vez das armas do concelho, mandaram pintar as águias napoleónicas, então ainda triunfantes.

Próximo do monumental Plátano oriental, considerado M.N., mandado plantar pelo visconde da Ribeira de Alijó, em 1856, fica a antiga Casa dos Távoras; porém, o mais importante solar que existiu nesta vila, foi sem dúvida, o Solar dos Viscondes de Alijó, no qual se encontra instalado grande parte do comércio local.

Alijó é sede de um concelho essencialmente agrícola que se estende desde a margem direita do rio Douro até aos limites do Concelho de Murça e , ainda, entre os rios Tinhela, Tua e Pinhão, que lhe conferem uma área aproximada de 300 km<sup>2</sup> envolvendo 49 povoações, em 19 freguesias e quase 20.000 habitantes.

São as suas gentes, na sua maioria, rurais que contribuem para o desenvolvimento e riqueza do concelho, aplicando-se na dureza do trabalho do campo; A norte, a zona de planalto granítico e a sul o terreno xistoso, inclinado para o Douro, onde predomina a cultura da vinha e onde se produz o Vinho do Porto.

Terra rica em manifestações etnográficas, a sua gastronomia possui um sabor requintado e poderoso, onde reinam o cabrito assado, o cozido à portuguesa, as tripas à transmontana, as carnes fumadas, a célebre bola de carne, e os milhos (da zona da montanha). É de salientar também o famoso pão de Favaio muito apreciado e procurado por toda a região. Na doçaria, o destaque vai para as célebres cavacas e amêndoas cobertas de

Santa Eugénia, quinzinhos, pudim de amêndoa, pão-de-ló de água, bolo borrachão e muitos outros de reminiscência conventual.

No campo do turismo, Alijó tem imensas propostas a oferecer aos visitantes, como o turismo fluvial no rio Douro; o turismo ecológico na foz do Tua, local privilegiado para a pesca desportiva, e uma riqueza imensa de miradouros e paisagens.

Tendo Alijó tradições antiquíssimas no que respeita às feiras, festas e romarias, são estas também uma importante atracção turística.

Por tudo isto e pelas suas características de uma tranquilidade e hospitalidade únicas, Alijó constitui sem dúvida, um dos locais mais aprazíveis para passar umas férias de sonho, na quietude de um cenário quase paradisíaco.

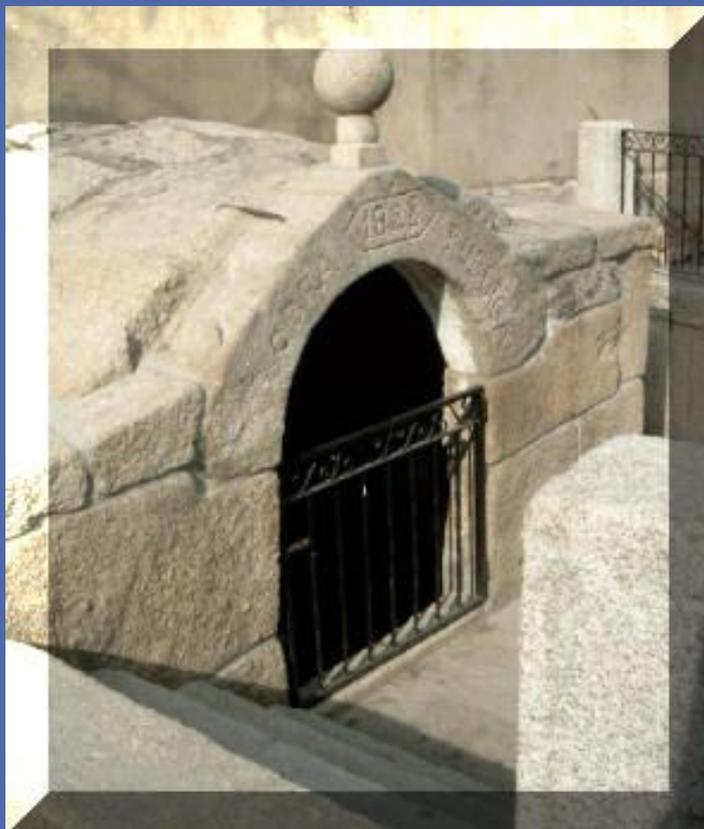
Texto integral, retirado do site da Câmara Municipal de Alijó.



■  
Centro de Dia em  
apoio à Terceira Idade



F o n t e  
MERGULHO – DE BAIXO – E OU ROMANA



Situada na Freguesia de Santa Eugénia

#### Povoamento

O povoamento do território que corresponde ao actual concelho de Murça é bastante remoto, sendo vários os vestígios arqueológicos que documentam a passagem e permanência de vários povos por esta região. Os achados mais remotos de ocupação deste território são uns machados de pedra lascada que foram descobertos no castro do Salto que devem datar de 500 000 a 100 000 anos a.C., do período chamado de Acheulense. No mesmo local, foi encontrado um outro instrumento datável já do Mesolítico. Do período do Neolítico são vários os instrumentos encontrados, entre eles, seis machados de xisto ardosiano, um peso de pedra, entre outros. Da chamada Época Megalítica, chegaram até aos nossos dias vários exemplares de antas, ou dólmenes, bem como alguns túmulos em forma de um corpo jazente. Da civilização castrense, são ainda visíveis no concelho de Murça onze castros, o que revela a densa ocupação que foi feita neste território.

O castro de **Palheiros** é um dos mais representativos povoados castrejos deste concelho. Localizado no centro de um maciço rochoso, a Sudeste da freguesia de **Palheiros**, integra uma área arqueológica superior a 2,5 hectares. A sua origem

remonta ao terceiro milénio a. C, altura em que pequenas comunidades agro-pastoris se terão instalado no morro. Por volta do século IV a. C terá sido criada uma nova aldeia que posteriormente foi protegida com muralhas. Em finais do século III a.C. chegaram à península Ibérica os romanos, adoptando um complexo plano de colonização.

No concelho de Murça é bem visível a romanização do castro do Cadaval, onde foram encontrados vários vestígios da permanência deste povo. Também a Nascente da freguesia de **Fiolhoso** foram encontradas duas ânforas de moedas romanas.

Um outro importante vestígio é a via construída entre Astorga e a foz do rio Douro, passando pelo actual concelho de Murça a qual se ramifica depois sobre o rio Tinhela, indo um ramo para **Braga**, pelo planalto de Jales e outro para o vale do rio Douro. Em finais do século IV, e sobretudo em inícios do século seguinte, a Península Ibérica é novamente invadida, desta feita pelos germanos que se celebrizaram pela violência com que dominavam outros povos e se apoderavam das suas riquezas. Militarmente mais fortes, mas culturalmente menos evoluídos, os bárbaros deixaram-se dominar pela cultura hispano-romana. Em 448, os suevos, que tinham fundado um reino independente a noroeste da península, com capital em Bracara convertem-se ao cristianismo. É durante o seu domínio que é fundada na diocese de Braga a vasta paróquia rural de **Panoias**, a ela pertencendo o território que mais tarde irá formar a terra de Panóias e onde estava incluído o actual município de Murça. Na segunda metade do século VII, os visigodos entram em decadência devido às contínuas divisões políticas e religiosas. Aproveitando a oportunidade, os mulçumanos invadem e ocupam a paróquia de Panóias. A primeira reconquista de Panóias coube a D. Afonso I das Astúrias que em 753 toma **Chaves**, Braga, **Viseu**, **Águeda** e Panoias. No entanto, sem meios para defender os territórios recém-conquistados, D. Afonso I acaba por destruir 32 cidades e fortalezas, na chamada tática de destruição e despovoamento, como consequência, a bacia do rio Douro fica num grande estado de despovoamento.

Em 878, D. Afonso III de Leão, conquista novamente Chaves, Panoias, **Lamego** e Viseu que entretanto haviam caído no poder dos muçulmanos, tornando-se o Douro a fronteira meridional do reino astur-leonês. Mais tarde, essa fronteira é alargada, com Fernando Magno até ao Mondego.

O principal vestígio do domínio muçulmano no concelho de Murça é o próprio topónimo. Segundo alguns autores, Muça (nome medieval que deu origem a Murça) deriva de *Muçaun*, nome dos berberes do Norte de África que ainda antes da invasão de 711 visitaram a Hispânia. Uma outra hipótese, é o topónimo derivar do nome pessoal "Muça", muito usado entre os semitas e principalmente entre os árabes. Assim sendo, o nome foi aplicado ao povoado para perpetuar o nome de um mouro ou cristão arabizado.

Uma das referências escritas mais antigas relativas a Murça diz respeito à famosa lenda da Porca de Murça, que recua ao ano 753; de acordo com a mesma, a população de Murça era arrasada por uma grande quantidade de javalis e ursos, razão pela qual os senhores da terra, com o auxílio do povo, resolveram fazer montarias com o objectivo de os extinguir ou afugentar. Entre a enorme quantidade de animais selvagens, havia uma porca ou uma urso que era o terror das populações, pela sua grande corpulência, ferocidade e matreirice; todavia, alguns anos mais tarde, o senhor de Murça, depois de muita persistência, conseguiu matar o animal e, para perpetuar e honrar tal façanha, construiu-se a estátua da Porca de Murça, junto da qual os habitantes, como acto de agradecimento ao senhor pelo seu feito, pagavam um foro de três arráteis de cera. No entanto, a origem da estátua parece ser outra. Santos Júnior reconhece que as estátuas zoomórficas do estilo da Porca de Murça são de difícil explicação mas que tudo leva a crer que tenham origem numa civilização castreja, por altura da invasão dos celtas. Sobre o seu significado, os autores divergem. As estátuas zoomórficas são geralmente ídolos que os povos adoravam, monumentos lavrados para colocar ao pé dos sepulcros e por vezes lembranças feitas em cumprimento de um voto. Estas estátuas seriam então manifestações de um velho culto castrejo que adorava animais como deuses protectores com a finalidade de afastar calamidades, roubos, doenças e outros malefícios.

Aquando das Inquirições de 1220, Murça beneficiava já de um foro bem definido que teria sido estabelecido através de uma "carta". No entanto, segundo uma carta de sentença de D. Dinis, escrita em 1303, a primeira carta oficial de foro do concelho de Murça foi passada em 1224 por D. Sancho II. Segundo a carta foral, era dever dos habitantes de Murça: pagar ao rei o seu foro; ir ao mandado do mordomo desde Murça até S. Lourenço do Pinhão, Santa Maria de Jales, Ledra e Abreiro; ir à entroviscada quando o rei visitasse o concelho; guardar o castelo de **Noura**, em tempo de Guerra; ir em apelo até ao ponto em que pudessem regressar a suas casas no mesmo dia; dar ao prestameiro e ao mordomo um dia de vida (imposto dedicado à sustentação do rei ou dos seus funcionários) quando eles andassem no serviço de recolha dos tributos; fornecer dois mordomos de assembleia municipal os quais deveriam pagar no fim, um maravedi cada um; pagar a taxa da caça que apanhassem no madeiro ou na corda uma das mãos do urso, uma espádua do porco montês, uma perna com o lombo do veado; pagar a multa da voz e coima caso praticassem algum crime.

Para resolver os problemas da comunidade, Murça tinha um órgão próprio, sendo que a iniciativa da sua criação deveria ter estado na própria comunidade local. A carta de concelho passada por D. Sancho terá reconhecido oficialmente essa organização autárquica, tendo sido confirmado por D. Afonso II a 10 de Janeiro de 1268. Outros forais lhe foram concedidos, a 18 de Abril de 1304 e a 9 de Maio de 1512 por D. Dinis e D. Manuel respectivamente.

O julgado de Murça é doado entre 1279 e 1283 por D. Dinis, a Mem Rodrigues, no entanto, a 6 de Dezembro de 1283 o mesmo monarca retira-lhe esse território. A 23 de Maio de 1360, D. Pedro estando em cortes em **Elvas** doa, a requerimento do príncipe herdeiro D. Fernando, os julgados de Murça e Jales ao Infante D. Dinis e em 1377, D. Fernando faz doação dos bens do Infante D. Dinis à Princesa D. Beatriz, herdeira do trono. Dada a extensão dos bens concedidos e a idade da princesa, o monarca nomeia dois curadores que administrassem os bens em nome dela. Tanto Murça como Jales eram, por essa altura, administrativamente dois concelhos e judicialmente dois julgados, gozando ambos de autonomia administrativa, estando sujeitos apenas às autoridades hierárquicas de Panóias.

A 12 de Dezembro de 1369, a pedido da assembleia municipal de **Vila Real**, D. Fernando integrou os julgados de **Gouvães, Favaios, Alijó**, Paredes (lugar da freguesia de **Soutelo**), **Murça**, Jales, **Tresminas** e **Lamas de Orelhão** no termo de Vila Real. Esta decisão iria trazer consequências graves para a autonomia dos Julgados de Murça e de Jales que ficaram sem órgãos autárquicos próprios e por conseguinte sem autoridade. A partir de então apenas o concelho de Vila Real poderia constituir delegados. D. João I doa Murça a Gonçalves Vasques Guedes, por serviços por ele praticados ao longo da crise dinástica de 1383-85. Segundo a carta que a documentou, D. João doou-lhe quatro vilas (Murça, Brunhais, **Água Revés e Castro** e **Torre de D. Chama**), com os respectivos termos que passaram a constituir um morgado. Esta doação foi de efeito imediato, perpétua e hereditária. O hereditário recebeu da coroa tudo quanto ela possuía nessas terras, ficando para o soberano a correição e a justiça maior, ou alçada. A transmissão da herança fez-se conforme a Lei Mental, requerendo sempre a confirmação do rei a qual deveria acontecer igualmente todas as vezes que subia ao trono um novo monarca. Quando o donatário não teve filhos legítimos, houve que requerer primeiro a sua legitimação; e quando não houve qualquer descendente os bens doados caíram na posse da coroa que os tornou a doar por nova mercê. A partir do século XVI, os direitos dos donatários foram aumentados em 1544, D. João III concedeu-lhe o direito de apresentar os tabeliães do público e do cível e ainda o de receber o seu apelo; em 1646, D. João IV outorgou-lhe o ofício de meirinho.

Ao passarem a carta de doação ou de confirmação de doação, os reis mencionaram sempre os motivos das suas mercês, delimitando à partida o prazo da sua duração. Esta que a princípio era perpétua, passou a partir de certa altura a ser efectuada por uma vida. O senhorio dos Guedes prolongou-se até 1790, ano em que por carta de lei de 19 de Julho, o poder judicial dos senhores foi reduzido.

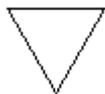
Por alvará de 7 de Janeiro de 1792, a Rainha D. Maria I fez passar o concelho de Murça para a comarca de Vila Real. quatro anos depois, a mesma soberana

procurou reformar a divisão administrativa transmontana, pelo que para aí enviou o juiz Columbano Pinto Ribeiro de Castro que propôs a dissolução do concelho de **Alfarela de Jales** e a sua integração no de Murça. Com a reforma administrativa de 1832, Murça passa a pertencer à província de **Trás-os-Montes** e à comarca de Vila Real. Três anos mais tarde, desaparecem as províncias e as comarcas administrativas, dando lugar aos distritos, sendo o município de Murça incluído no distrito de **Vila Real**.

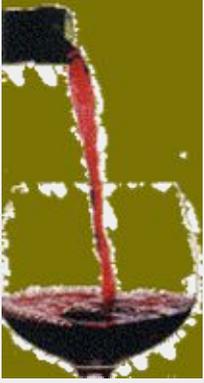
Sob o ponto de vista judicial, após a organização de 1832-1835 Murça passa a julgado, com dez freguesias judiciais, sendo integrada na comarca de Alijó. A grande alteração dos limites concelhios dá-se a 31 de Dezembro de 1853 que dissolve 11 municípios da comarca administrativa de Vila Real. Através desse decreto, o concelho de Murça recebe as freguesias de **Carva** e de **Vilares** do concelho de Alfarela de Jales que é extinto; perde as freguesias de **Pegarinhos**, **Pópulo** e **Santa Eugénia**, a favor de **Alijó**, passando a ser então constituído pelas freguesias de **Candedo**, Carva, **Fiolhoso**, **Murça**, Noura, Palheiros, Sobreira, **Valongo dos Milhais** e Vilares. Em 1891 é criada a comarca judicial de Murça que é dessa forma desanexada de Alijó. Por decreto de 26 de Setembro de 1895 as fronteiras concelhias são novamente alteradas: as freguesias de **Curros**, **Jou** e **Vales** são desanexadas do concelho de **Valpaços** e incorporadas no de Murça e por decreto de 13 de Janeiro de 1898 as freguesias de Curros e Vales regressam ao município de Valpaços, sendo que Jou permanece no de Murça. Em 1927 a comarca de Murça é de novo anexada à comarca de Alijó, voltando a ser instaurada em 1964.

No respeitante à organização eclesiástica, a paróquia de Santiago de Murça pertencia ao arcediogo de Panoias e à diocese primaz de Braga. Quanto à data de instituição da paróquia, esta é desconhecida, supondo-se que terá sido por volta do século XI, tendo nascido do desmembramento da velha paróquia rural de Panoias, tendo sido construída a igreja paroquial de Santiago, pelos paroquianos a quem era devido o direito de padroado. Este direito, implicava três privilégios: apresentar o abade a ser nomeado pelo bispo, gozar de certas distinções honoríficas e reservar parte das rendas do benefício. Entre 1220 e 1258 o padroado passou para o rei, o mesmo se passando com a maioria das igrejas de Panóias. À data de foral de 1224, a igreja de Santiago de Murça tinha uma sufragânea que se pensa ser a igreja de Santa Maria de Noura. Por carta de 9 de Abril de 1318 D. Dinis fez dela doação ao Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, vindo a passar à coroa no reinado de D. Afonso IV. A 3 de Novembro de 1380, D. Fernando apresentou nela o mestre Gil que, além de clérigo, era também seu médico. Este monarca concedeu-lhe a 5 de Fevereiro de 1382 o privilégio de que nem os funcionários reais nem outra pessoa pudesse pousar na dita igreja. Falecido o mestre Gil, D. João, a 7 de Maio de 1394 apresentou em seu lugar, Fernão Vasques. Em 1528 o padroado da Igreja de Santiago de Murça pertencia à Colegiada de Santa Maria da Oliveira, de **Guimarães**, na qual se

mantve até 1832. Em 1882 Murça passa para a Diocese de Lamego onde permanece até 20 de Abril de 1922, ano em que transita para a recém-criada diocese de Vila Real.



**José Nogueira dos Reis**



VINHO DE SANTA EUGÉNIA



Vieta da Capela de Santa Bárbara



"Vista Santa Eugénia"

Rua da Barreira, n.º12 - 5070/411 Santa Eugénia



História de Santa Eugénia





## Falar de Santa Eugénia



Bate por Ti



Falar de Santa Eugénia, é deixarmo-nos envolver por um certo transe, deslizando a tinta ao sabor daquilo que nos ocorre no pensamento, é sentirmo-nos num espaço tão ínfimo, mas tão grande, tão nobre, que todas as palavras que se possam utilizar, é apenas um pouco daquilo que sentimos

desta maravilhosa terra.

Freguesia com profundas raízes históricas, materializadas no belíssimo património cultural e na memória colectiva das suas gentes.

São múltiplas as potencialidade turísticas: a beleza natural das suas serras, as aprazíveis paisagens, o rio «Tinhela», a gastronomia e o património arqueológico, construído, etnográfico e artístico, constituem a identidade natural e cultural desta belíssima aldeia.

Orgulhamo-nos pois de expor e tornar acessível a todos, através desta nova forma de comunicar, os traços gerais que caracterizam esta terra «Transmontana». Quem nos visita pela primeira vez, dificilmente escapa ao desejo de visitar novamente este lugar deslumbrante.

## **Autor**

### **José Nogueira dos Reis**



## **Tempos longínquos**



Foi por volta do século III a.C. que o fenómeno da romanização se fez sentir no ocidente peninsular, atraídos pelas riquezas naturais. O actual território nacional foi ocupado depois de sangrentas lutas travadas com os povos indígenas (tribos celtas pertencentes à grande família dos lusitanos).

A permanência romana não foi inócua nem desguarnecida de sentido de oportunidade. Assim, por questões militares (defesa) e económicas, organizavam política e administrativamente todo o espaço físico conquistado e sob o seu domínio, por forma a haver um melhor controlo do território ocupado. Contudo a consolidação das políticas colonizadoras passavam também pela estratégia de criação de infra-estruturas que assegurassem toda a operacionalidade de circulação de mercadorias, pessoas, exércitos,

ideias, etc..

A sua presença deixou, embora de modo desigual, marcas materiais bem visíveis em todo o país. É neste campo que a freguesia de Santa Eugénia mostra vestígios de uma ocupação peculiar.

Autor:

José Nogueira dos Reis



## **.Património Arqueológico**



---

Santa Eugénia, conserva um vasto conjunto de monumentos e sítios arqueológicos autênticos

que preservam e perpetuam a memória ancestral de outras ocupações humanas com estádios

de desenvolvimento cultural, social, económico e religiosos muito próprios dessas civilização em épocas distintas, em que o legado cultural por elas deixado, que o tempo e a modernidade

não conseguiu apagar, faz a história da freguesia nos tempos mais longínquos, desde a Pré-história

à Idade Média.

## **.A Origem da Povoação**



---

A ocupação humana do território onde hoje é o lugar de Santa Eugénia, remonta aos tempos da mais longínqua pré-história, conforme o mostram inúmeros achados arqueológicos nas redondezas, que nos dão o testemunho de indústrias líticas (paleolíticas e neolíticas) implantadas na região.

Um dos centros arqueológicos da Freguesia, onde existem : uma fonte Romana, «Fonte de Mergulho», a «Laje do Concelho», a «Igreja matriz», um «Cruzeiro», um «Chafariz» e

«Casas Brasonadas», é o centro da aldeia.

## **Achados Arqueológicos**



---

Várias são as moedas romanas achadas em diversos locais das redondezas pertencentes actualmente ao concelho Alijó, encontraram-se algumas com legendas tais como "NERVS CLAVDIVS AVGVSTVS" ou ainda "VESPASIANVS AVGVSTVS", ambas referências a nomes de imperadores romanos do séc. I.

Outro centro arqueológico é as Grutas Rupestres, na freguesia de Carlão, limítrofe de Santa Eugénia.

Aqui segundo se conta uma pintura Rupestre foi destruída

aquando da busca de Volfrâmio (contou-mo variadíssimas vezes, Francisco Henrique, Francisco Henrique Novo e Artur Coelho dos Reis. Prova-o também o seu culto de origem sueva. Da época Romana existe, em pleno estado de conservação, uma «Fonte de Mergulho», aqui denominada «Fonte de Baixo».

Santa Eugénia, situa-se a cerca de 15km. de uma das saídas da I.P.4-Pópulo.

Tem a área Aproximada de: 779 ha (7.79km<sup>2</sup>)

As Freguesias limítrofes são: A Norte - Pegarinhos; A Sul - Carlão; A Este - Candedo (esta do concelho de Murça); A Oeste - Casas da Serra (lugar da freguesia de Carlão)

Do total da Área referida, aproximadamente 480 ha, são de monocultura intensiva, a saber:

Vinha, cuja produção se destina ao fabrico de "Vinho do Porto" e, o não beneficiado a "Vinho de Mesa".

Estão também preenchidos com olival tradicional, aproximadamente 100 ha.

Orago: Santa Eugénia



Topónimo: Eugénia, de origem grega, significa Bem Vinda, Bem Aparecida, de Boa Linhagem.

**Marca de tempos remotos, estão, bem patentes, na «Laje do Concelho»**

**Laje do Concelho**

Concelho - substantivo masculino.

Significa : Circunscrição administrativa;

Subdivisão de Distrito;

Município.

Latim – conciliu.

### **Significa – Assembleia.**

É precisamente da acepção Latina, que esta «Laje do Concelho», herdou o nome. Era o local onde os «vizinhos» (antigo nome dado aos habitantes bons), se reuniam em assembleia, quer para eleger os seus dignos representantes junto de entidades hierarquicamente superiores (exemplo: Nos órgãos concelhios), quer para resolver problemas respeitantes a si próprios e/ou à localidade. Servia também de «Tribunal Moral», isto é:

Ali eram publicamente denunciados os maus actos e seus praticantes. O malfeitor, ou se emendava, ou era simplesmente arredado do mais simples convívio com os vizinhos.

Por sorte do destino, tinha esta «LAJE do Concelho» uma outra função. Era precisamente o local de marcação limite, da altitude máxima permitida pelo Marquês de Pombal, para autorização de «benefício».



Esta mesma «Laje do Concelho», situa-se precisamente num dos extremos - início - da rua Marquês de Pombal. Coincidência ou propósito desta estranha relação, entre a «LAJE do Concelho» (um pouco abaixo dos 500 metros de altitude) e a rua «Marquês» de Pombal (autor da marcação da mais antiga região demarcada), com toda a modéstia, não

o sei. Acho apenas uma coincidência demasiado coincidente.

Vou, para um melhor entendimento deste sítio, fazer uma retrospectiva histórica, de uma forma sucinta;

Pelouro – D.João I, por carta Régia de 13 de Junho de 1391, descreve as grandes tropelias que as eleições para os concelhos provocavam “Grandes Sayoarias e rogos”, através das quais só se criavam grandes ódios entre os «vizinhos».

Na dita carta Régia determinava-se o 1º recenseamento eleitoral que Portugal teve. Nele se mandava que os oficiais do governo fizessem «róis». (...) o nome era escrito num papel separado e metido numa bola de cera, chamada pelouro – daí o nome dos actuais pelouros das vereações – eram estes, por sua vez, metidos numas caixas a que hoje damos o nome de urnas e então se chamavam «capelos».

Mas as queixas de fraudes eleitorais continuaram, pois, tem-se conhecimento de que esse problema foi posto também nas cortes de Évora de 1451. Outras dificuldades atravessou o processo de eleição dos «edis», e não menor foi a de em certos concelhos haver tantos indivíduos com privilégios religiosos ou dados pelo rei, que por eles se esquivavam os cargos para que eram eleitos. Estou absolutamente convencido, de que estas fraudes e problemas, sempre se mantiveram, mas, também, a necessidade dos «vizinhos» de beneficiar de um executivo local, que compreende os problemas da terra e dos homens do respectivo concelho.

Então, os caciques, ontem como hoje, procuram eternizar-se no poder. Uma das formas mais antigas de o fazer, era e é, amedrontar os mais necessitados. Para tal, é absolutamente necessário, exercer algum modo de pressão e/ou controle. A fórmula aqui encontrada (e não só aqui), era dar-lhe uma aparência «séria», fazendo eleições para escolha «livre?», pelo menos na aparência, mas de dedo no ar!!!. Porque assim, as pessoas de condição social inferior, com medo de represálias futuras, elegiam quem os mais privilegiados queriam. Essas eleições, eram realizadas na LAJE DO CONCELHO.

# Celebridades

**Figuras Ilustres, pré-25/4/1974:**

## **José Cunha Cardoso**



## **Manuel José Guerra Santos Melo**



**Responsável por: Luz eléctrica; Água Pública; Casa do Povo; Reparação da Capela de Santa Barbara, Igreja Matriz, Cemitério, Escolas. Para além da água ser explorada numa sua propriedade, ainda hoje, quando existe escassez de água, a sua família põe uma torneira de água a correr para toda a povoação.**

## **Professor Doutor Ernesto Morais**

Natural de Pegarinhos, abraçou a Freguesia de Santa Eugénia por matrimónio e adopção. Era em Santa Eugénia que passava as suas férias e, onde passeava as suas «quintas».

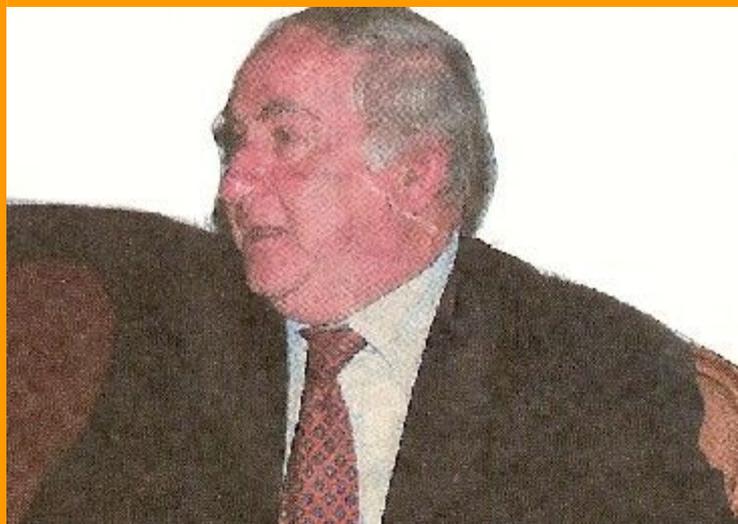
Director do Hospital de São João – Porto - , Professor Universitário, grande Investigador e enorme Cientista.

Ajudou muitos concidadãos – de Santa Eugénia e de Pegarinhos - , visitando-os, a terem tratamento de Excelência no Hospital onde Sua Senhoria o Senhor Professor Doutor era Director.

Bem haja e que Deus lhe escancare – abra – as portas do paraíso.

**Pós 25/4/1974:**

# ANTÓNIO MARTINHO



## Doutor António Alves Martinho

No qual efectuou dois mandatos.

Parabéns  Doutor

A.A.Martinho

Por:

JNReis

 GRUPO PARLAMENTAR

Deputado na Assembleia da República, em dois mandatos consecutivos. Grande defensor do «Douro» e principalmente dos durienses. Conhecedor das dificuldades destas terras, nunca se escusou a esforços, quer na defesa da melhoria das condições socio-económicas, quer na defesa dos seus mais elementares direitos. Enquanto deputado na Assembleia da República, fez várias visitas de trabalho à Casa do Douro, bateu-se galhardamente pela sua recuperação económica e pela recuperação da linha de orientação da sua origem, que era a defesa intransigente dos lavradores do douro, seus associados. Foi sempre defensor de uma forte representatividade dos pequenos e médios produtores do douro, nas instituições oficiais, e/ou representantes da «região». Na continuidade desta orientação de defesa, que sua Ex.<sup>a</sup>, o senhor Doutor Martinho perfilhou, fez parte

## da Direcção da Adegua Cooperativa de Alijó.

Uma das suas paixões - ou não fosse ele uma figura de elevadíssima vontade de igualdade de oportunidades, melhoria do factor social, acesso de todos à educação e à saúde - era o associativismo, como forma aglutinadora do reunir das gentes, do reflectir, do ensinar, do aprender, do divertimento sadio, do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana e da maturidade democrática adquirida na mais pura convivência. Assim sendo, pode dizer-se sem receio de qualquer espécie de inverdade, que a ele se deve, a sede do «Grupo Desportivo Cultural e Recreativo de Santa Eugénia. Obra que orgulha todos os concidadãos desta terra, da qual ele foi co-fundador e Presidente vários anos. Foi Presidente e sócio-fundador da Associação dos Amigos do Museu do Douro e é o actual Governador Civil do Distrito de Vila Real.



---

DOUTOR ANTÓNIO ALVES MARTINHO

---

GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO DE VILA REAL

---

A CAPITAL DO DISTRITO – VILA REAL -

ENCONTRA-SE SITUADA A APROXIMADAMENTE QUATROCENTOS E CINQUENTA (450) METROS DE ALTITUDE – ALTITUDE SENSIVELMENTE SEMELHANTE Á DA FREGUESIA QUE O VIU NASCER, SANTA EUGÉNIA - , SOBRE A MARGEM DIREITA DO RIO CORGO, AFLUENTE DO RIO DOURO. LOCALIZA-SE NUM PLANALTO QUE TEM EM REDOR MONTANHAS DE ALTITUDE ACENTUADA, A SABER, SERRA DO MARÃO E SERRA DO ALVÃO. O CONCELHO MANTÉM CARACTERÍSTICAS AGRÍCOLAS BEM MARCADAS.

A PAISAGEM É COMPOSTA POR TRÊS (3) ZONAS FUNDAMENTAIS, A SABER:



1 – A ZONA FÉRTIL DA CAMPEÃ.

2 – A ZONA MONTANHOSA OU ZONA DAS SERRAS.



3 – A SITUADA A SUL, COM CULTURAS DURIENSES, EM QUE A PRESENÇA DO RIO DOURO JÁ SE FAZ SENTIR DE FORMA NOTÓRIA, QUER NAS CULTURAS, QUER NO CLIMA.



A CIDADE CAPITAL DE DISTRITO, É BANHADA POR DOIS (2), O CORGO E O SABOR.



SUA SENHORIA O SENHOR DOUTOR ANTÓNIO MARTINHO, TOMOU POSSE NO DIA 05/04/2005, EM LISBOA E, A CERIMÓNIA DE APRESENTAÇÃO NA SEDE DO GOVERNO CIVIL, ACONTECEU ACOMPANHADA DE UMA SINGULAR CERIMÓNIA DE APRESENTAÇÃO, A 08 DO MESMO MÊS.

AS COMPETÊNCIAS QUE A LEGISLAÇÃO OFERECE AOS SENHORES GOVERNADORES CIVIS, É, FUNDAMENTALMENTE:

1 – REPRESENTAÇÃO DO GOVERNO DA REPÚBLICA;



2 – NA SEGURANÇA PÚBLICA;

---



### 3 – NA PROTECÇÃO CIVIL

---

SEGUNDO AS PALAVRAS DIRIGIDAS AOS PARTICIPANTES NA CERIMÓNIA DE APRESENTAÇÃO – ACONTECIDA DO EDIFÍCIO DO GOVERNO CIVIL, A 08/04/2005 - , BEM COMO DIVULGADA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, O SENHOR DOUTOR EXPLANOU A SUA PRÓPRIA INTERPRETAÇÃO DAQUELES PODERES OU COMPETÊNCIAS, COLOCANDO EM DESTAQUE ALGUNS PONTOS. PODE-SE INFERIR QUE PARA SUA SENHORIA, A SEGURANÇA E O BEM-ESTAR DOS CIDADÃOS SÃO VALORES DE ENORMÍSSIMA IMPORTÂNCIA, MARCADOS PELAS EXIGÊNCIAS QUE O DIA A DIA ACARRETA.



O SENHOR DOUTOR MARTINHO, É DEFENSOR DA CHAMADA SOLUÇÃO QUATRO (4), AFIRMANDO JÁ POR VARIAS VEZES, QUE É A SOLUÇÃO QUE MELHOR DEFENDE OS INTERESSES DA REGIÃO E DOS CIDADÃOS.

---



POR: JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS



## Professor Manuel Adérito Figueira



Professor  
Manuel  
Adérito  
Figueira  
Vice-Presid  
ente da  
Câmara  
Municipal de  
Alijó, sendo  
também  
responsáve  
l pelo  
Pelouro das  
Obras e  
pela  
Protecção  
Civil.

Câmara



**Vice-Presidente e Vereador do Pelouro de Obras na Câmara Municipal de Alijó. Dotado de uma capacidade de trabalho em prol do bem público, fora do comum, defensor da cultura popular, suas tradições e festas, respeitador dos seus mitos e ritos, a ele se deve, entre muitas outras coisas, a continuidade da «NOSSA FESTA». Foi também Presidente da Assembleia-geral do Grupo Desportivo.**

**Sem prejuízo das outras terras, tem contribuído enquanto Vereador do Pelouro das Obras da C.M. de Alijó, para o desenvolvimento do património edificado e do bem-estar dos habitantes desta freguesia. A ele se deve – em grande parte – a continuidade da existência do Centro Social.**

## O AUTOR DESTE SITE

### **José Nogueira dos Reis**



**desenvolvimento cultural das gentes desta freguesia – desde os jovens, aos adultos – homem de um só carácter, de um só ser, fosse qual fosse a fase da vida por que estivesse a passar. Foi fundador e Co – fundador de todas as associações culturais, de solidariedade, associativas, desportivas e/ou recreativas. Refundou o teatro, deu educação a adultos, foi promotor cultural, fundador (nesta freguesia) do partido socialista, tendo contudo, sempre presente o desenvolvimento, independência e afirmação destas gentes. Homem de uma simplicidade fora do comum, aparecia e desaparecia, quase sem se dar por ele!!. Pessoa sempre pronta a partilhar o seu conhecimento, nunca se esquivou a dar uma boa e útil informação, a procurar ele próprio informar-se para informar. Fruto do seu avanço, quer para a época, quer em relação aos seus conterrâneos, trilhou caminhos amargos, que só a ele prejudicaram, mas, que lhe serviram de ensinamento para segurar a queda de outros. Julgo mesmo, que o seu maior inimigo, foi o seu avanço. Para se saber um pouco mais de este «SENHOR», VISITEM-SE OS SEUS SITES:**

<http://zereis.tripod.com/> ; <http://nogueirareis.tripod.com/alijo/>

(Aqui encontrarão hiperligações para outros)

### José dos Santos Varela e D. Alice Vilela

São para mim figuras únicas e ímpares. Nascidos há quase um século, tiveram o amor e inteligência suficientes para mandar Formar os seus quatro (4) filhos l. Estes, por sua vez, prestaram a melhor vassalagem possível aos seus amados pais; como? Sendo todos detentores de uma cultura e Q.I. muito acima da média, e, tão ou mais digno do que isso, sendo todos possuidores de um espírito de solidariedade pouco comum, nos tempos que decorrem.

### Dona Teresa Varela e Dona Ester Varela

Ambas professoras primárias, são inovadoras na forma de ensinar as crianças, deixando para trás tempos de outras «Donas». Foram mesmo pioneiras de uma forma de ensinar (e eu fui seu aluno) justa, profissional e mesmo democrática. Parabéns. Pessoalmente, sempre que os meus professores de

ciclo ou liceu, me diziam: Bem aventurado o seu professor (a) da Escola primária, ou parabéns ao professor (a) que teve na primária, eu respondia: Grato estou à minha professora de Admissão; Parabéns, dou, por tudo quanto me ensinou e por nunca se esquivar ao trabalho de me preparar, quer para o ensino, quer para a vida, à Exm<sup>a</sup> Dona Ester Varela, minha professora de Admissão, que julgo ter aprendido com ela em quatro meses, mais que muitos, e eu próprio, com outros professores, em quatro anos. Eu não tive a sorte de conhecer tão profundamente a irmã - Dona Teresa Varela - mas, cresci e nasci na mesma aldeia que a viu nascer, fui seu vizinho e hóspede da sua SANTA SOGRA, e, julgo ter o conhecimento suficiente, ao conhecer também seus filhos e marido, que a sua dignidade em nada é inferior à de sua irmã - Dona Ester Varela - e minha professora de admissão. Em conversa com seu primo - Guilhermino Magalhães - sobre este tema, ele disse-me: Zé, há duas senhoras que eu admiro imenso, uma é minha mãe, outra é a minha prima Teresa.

Conheci «Professores», que faziam «bons alunos», daqueles que já iam ensinados, aos outros, nem cartão lhe passavam. Agora estas Senhoras com S grande, nunca se pouparam a esforços para ensinarem todos os alunos, de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada um.

## José Manuel Vilela Varela



Professor de Filosofia, é uma autêntica «enciclopédia», mas, quase permanentemente aberta e ao dispor do Povo. É vê-lo irradiando a maior das felicidades, sempre que se apercebe que está a contribuir para o avanço destas gentes. Devemos afirmar, antes que nos esqueçamos, que ele trava essa profilaxia há muitos e longos anos. Há sem duvida pessoas - embora raras - que nascem não sei com que bichinho, que só lhes puxa para fazerem bem. Julgo poder até dizer, que isso é a sua maior felicidade. Eu nunca me cansaria de o ouvir, cada conversa com ele equivale a muitas horas de estudos/experiências, com a vantagem de não acontecerem erróneas interpretações ou

deturpados conhecimentos que o nevoeiro da minha ignorância pode ocultar. Cada «discussão» com ele, é uma viagem à terra do conhecimento, sem medo do «Pecado original».

**Só estou bem comigo próprio quando me exprimo com uma única cara.**

**Às vezes agrado às pessoas, outras vezes não, mas a mim agrada-me ser eu mesmo.**

**Para além de simplesmente célebres.**

**"Grandes Referências da minha vida - Externa à minha Família tradicional (Pai, Mãe e Filhos)"**

**Já Falecidos:**

Era o «Tio Artur» - meu avô Paterno - chamavam-lhe assim (seu nome, era: Artur Coelho dos Reis; Era o «Zé do Carvalho» - meu avô Materno e meu Padrinho - chamavam-lhe assim (seu nome, era: José Augusto Nogueira); Era o Senhor «Francisco da Prudência» - chamavam-lhe assim (seu nome, era: Francisco Henrique Novo); Era o Senhor «Santos Melo» - Chamava-se Manuel José Guerra Santos Melo - , avô Materno de meus filhos. Única Família com capela particular. A ele se referia a célebre expressão popular, "Eu é que mando, quem paga é o Senhor Santos"; Era o Senhor Hilário - Seu nome, era: Hilário Areias - , a ele se atribui a célebre expressão popular, "Quem não sabe cala-se"; Era o Senhor Cunha - seu nome, Manuel de Almeida Cunha - , Enfermeiro-médico de toda a população de Santa Eugénia - , a ele se atribui a hipérbole, "Encontrei mais de cem (100) bagos de azeitona no papo de uma (1) perdiz; Era o «Zé L'ipio» - chamavam-lhe assim (seu nome, era: José Alípio da Cunha Cardoso); Era o Senhor «Manuel Lousada» - chamavam-lhe assim (seu nome, era: Manuel João Varela) - .

## Felizmente ainda vivos

O Filho do Tabelas - Já não lhe chamam tanto assim (Doutor António Alves Martinho) - sua marca pessoal extravasa já para fora desta Freguesia, deste Concelho e desta Distrito; O Zé Man'el - Chamam-lhe assim - José Manuel Vilela Varela, Professor de Filosofia - , uma autêntica enciclopédia à disposição do povo; O Man'elzinho - Chamam-lhe assim (Seu nome, Manuel Augusto Henrique Magalhães) - Gerente da Companhia de Seguros Zurich, em Vila Real - ; A Menina Ester - chamam-lhe assim. Seu nome: Dona Maria Ester Varela - minha professora de Admissão. É o «Gaspar» (meu primo carnal) - chamam-lhe assim - , obteve o primeiro curso (contabilidade) no Instituto Superior de Contabilidade e formou-se agora em Direito Fiscal. É funcionário da Administração de Finanças-Porto.

"Não quero deixar passar a oportunidade de aqui referir que mesmo os primeiros continuam a viver, porque recordados."

Todos, mas mesmo todos (a) estes meus amigos, admiro pela sua coragem, honestidade, lealdade, inteligência e filantropia. São uma marca gravada em mim por dentro, uma contínua e permanente referência na minha vida, um exemplo.

Pessoas com quem convivi - menos do que sempre desejei - , que tive a Fortuna de conhecer, com quem aprendi - sempre mais do que previ - , desde a Ética à Moral, desde A Psicologia à História, passando pela Filosofia, desde a Matemática à Geografia, passando pela Língua de Camões, desde a Teoria à Prática, passando por contextos reais de vida.

De quase todos, recordo sorrisos, sorrisos lindos, francos e transparentes, que não raras vezes poisavam os olhos nas minhas inquietações e me diziam: ' 'Ó Zé, por vezes és tão ingénuo.

Recordo nos primeiros, a coragem dos tempos difíceis - duas guerras mundiais, duas civis, uma colonial - , fome, guerras, e trabalho de escravatura; E também nos tempos aparentemente mais fáceis, também recordo nalguns deles, as horas, os dias, as semanas, meses... anos de resistência, tortura, etc.

**Recordo - em quase todos - , a capacidade de dizer não, de se opor, de dizer abertamente, não concordo e explicar porquê, de incomodar. A capacidade de reconhecer que, enquanto seres vivos, não podiam deixar de reflectir, de aprender, de conjugar a vida com a incomodidade de serem incómodos, de serem diferentes e audazes.**

**Recordo em todos eles a simplicidade de defenderem a verdade em que acreditavam e acreditam, sem pensarem em elogios e ou recompensas.**

**amigos**

**Particularmente a si Doutor Martinho, a ti Zé Manuel, a ti Primo António e a ti Magalhães, havemos de almoçar juntos - um dia destes - e voltar a conversar.**

**E, mesmo daqui de longe, queridos amigos, sereis recordados.**

**Ouvirei os ecos das vossas vozes, o vosso exemplo de cidadania, de elevado profissionalismo - bem raro nos dias que correm - e de pura amizade.**

**Até lá, com a graça da inteligência, um grande abraço.**

## **2- População**

Habitantes-511

**Residentes-HM-410-H-191, (com mais de 18 anos);**

**Eleitores inscritos: 480 (compreendidos entre os n.º 3 e 711);**

**Famílias-191**

## **Alojamentos-223**

## **Edifícios-215**

**No reinado de D.Sancho II, Santa Eugénia, fazia parte do concelho de Alijó;**

**Em 1258, nas Inquirições de D.Afonso III, Aparece no concelho de Murça.**

**Em 1269, D.Afonso III, ao confirmar o foral de seu irmão, dado a Alijó, ainda inclui de forma condicional, Santa Eugénia no concelho de Alijó.**

**A verdade é que no recenseamento de 1530, (reinado de D.João III), Aparece no concelho de Murça. Só regressou a Alijó com a reforma administrativa de 1853.**

## **População e sua distribuição por sexos**

**Actualmente, St<sup>a</sup>Eugénia, tem cerca de 520 habitantes, dos quais 410 são nela residentes; Assim distribuídos por sexo: Homens - 191 ;**

**Mulheres - 219**

## **População existente em 1801**

**Em 1801, segundo consulta efectuada na Biblioteca Municipal de**

**Vila-Real, já existiam 618 habitantes em 118 edifícios, dos quais, 265 eram do sexo feminino.**

**Em 1849, existiam 417 habitantes em 140 fogos (edifícios, melhor, famílias).**

### **População existente em 1530**

No Recenseamento de 1530, Santa Eugénia já constava com oito (8) Famílias, ao passo que Pegarinhos só aparecia com três (3).

## **Desenvolvimento Económico**



**O Sector Primário, é o mais importante. Produção de vinho do porto, moscatel, consumo, vinho Espumoso e Azeite. Tem aprox. uma área de 600ha com autorização de benefício; a indústria de transformação de azeitona, também tem significado. A «Sociedade Agrícola Quinta de Santa Eugénia», empresa agrícola, dedicada à produção, transformação e comércio, é a maior produtora de riqueza, oferta de mão-de-obra e desenvolvimento técnico. Pela sua capacidade de inovação, predisposição para a ciência, sucesso e novas práticas adaptadas ao tradicional, é um caso a ter em conta, um exemplo a seguir, e, julgo que deveria ser divulgada e apoiada pelas instituições com responsabilidades governamentais, apresentando-a como «modelo» de práticas a seguir; Estou convencido de que é com medidas assim, mostrando e aconselhando o que há de bom, que esta região se desenvolve. A «Sociedade Agrícola Quinta de Santa Eugénia», está sedeadada no Largo da Fonte, com o Tel.: 259646174.**

Casais agrícolas de maior dimensão, e, conseqüentemente, de maior utilização de mão-de-obra: Casal «Santos Melo», casal «Malheiro», «Casa agrícola», «Reconco», «Herdeiros de Professor Doutor Ernesto Morais ou Dona Maria da Hora Teixeira de Carvalho».

## **Desenvolvimento e Turismo**

## Turismo

O turismo, só está a dar os primeiros passos na região duriense. É uma certeza o seu sucesso futuro. Este «atraso», teve inconvenientes e benefícios. Os inconvenientes reflectem-se ao nível da conseqüente menor riqueza adquirida, dum menor rede de infra-estruturas hoteleiras, viárias, de comunicação, etc.

Os benefícios, reflectem-se na «virgindade» das suas terras, paisagens, costumes, etc. Pode hoje investir-se no turismo de uma forma mais consciente, sem, como aconteceu em tantos sítios, destruir tudo à sua volta, desde o ambiente ao ar, desde as paisagens à água.

Contudo, aqui em St<sup>a</sup> Eugénia, o turismo, especialmente o Turismo Rural, é já uma realidade.

## Acção Social



A cargo da Associação Cultural e Social, com sede na rua da Veiga, n.º10. Telefone: 259645261.

Presidente da Direcção – Manuel Carlos Pereira

Sou Co-fundador

## Turismo

### Turismo

Café Areias - Largo do Cruzeiro, n.º 20. Telefone: 259645035; Café Grande Ponto - Rua Central. Telefone: 259646214; Turismo Rural – Quinta do Reconco: Telefone: 259645311. O admirador e apreciador do que de melhor tem este lugar paradisíaco, que pretender pernoitar em St<sup>a</sup> Eugénia, apreciar devidamente os seus manjares, saborear as suas delicias, confraternizar nas suas festas, deixar-se envolver pelos seus famosos «néctares», conhecer por dentro as suas lendas, mitos e

tradições, sentir na alma a força dos seus costumes, pode fazê-lo na quinta do Reconco, onde o espera um atendimento simples mas personalizado, podendo usufruir das suas instalações, que comportam uma suite, cinco quartos, uma sala de refeições, uma sala de estar, uma sala de bilhar, uma piscina, um court de ténis, aquecimento central e televisão em todos os quartos. Neste local, podem ser apreciados todos os pratos típicos e regionais, degustados os petiscos destas paragens, saboreados os seus bolos, toda a sua rica doçaria, a enorme variedade do seu «fumeiro». Tudo isto pode ser acompanhado dos melhores vinhos, vendo directamente quer as vinhas que os produzem, quer o efectuar dos granjeios, quer, se for época disso, a sua laboração.

Nos cafés referidos anteriormente, pode também apreciar toda a espécie de bebidas, divertir-se com os tradicionais jogos transmontanos-durienses, no mais fraterno sadio e alegre convívio.

## Desporto, Saúde, Recreio e Lazer

### Desporto



Outrora, fruto de uma intensa actividade, com enorme orgulho e palmarés, encontra-se hoje, porém, sem qualquer actividade, e, diria mesmo votado ao abandono . Apesar de no corrente ano e já de algum tempo a esta parte, não haver prática de nenhum desporto em Santa Eugénia, já existiram no passado algumas modalidades nesta Freguesia, a saber: Futebol de onze – com o Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo a figurar durante algum tempo na tabela da 2ª Divisão Regional – Zona Norte. Futebol de 5 – com organização de vários torneios maioritariamente para os jovens e durante o verão, com várias participações de algumas equipas em competições organizadas em Alijó, no Pavilhão Gimnodesportivo, e, por último Atletismo onde chegaram a existir na Freguesia vários atletas que, apesar de não pertencerem ou estarem filiados em clube algum, tiveram várias participações em algumas provas Distritais e Regionais,

sem no entanto obterem grandes resultados.

Assim, não havendo nos dias de hoje, nenhum desporto na Freguesia, existem no entanto os equipamentos que podem possibilitar a prática de alguns. Esses equipamentos são. UM (1) campo de futebol pelado mas com os respectivos balneários; um(1) polidesportivo a céu aberto que foi cedido ao Grupo Desportivo pela Junta de Freguesia; por fim, a sede desta mesma colectividade – G.D.C.R.- que apesar de não estar equipada convenientemente para actividades desportivas, pode por ser bastante ampla aprox.(15\*8m) possibilitar a prática de vários desportos, para além de já possuir mesas de Ténis de mesa e Bilhares; tem também palco e bar. O recinto que a envolve, para além de ser muito amplo, comporta um Polivalente.

Quero acrescentar, que o desporto, principalmente o futebol, era um factor de enorme orgulho destas gentes. É vê-los, com um exuberante brilho nos olhos, quanto relatam feitos e resultados de outrora.

Com que alegria nos narram, que foram Campeões sem derrotas do I.N.A.T.E.L. distrital. Julgo que o futebol, é um factor de fixação dos nativos desta aldeia, e, não entendo como foi possível o seu enterro (não consigo apelida-lo de outro nome).

Eu, José Nogueira dos Reis, fui Co - fundador do «Centro Cultural e Recreativo» e co-fundador do actual «Grupo Desportivo Cultural e Recreativo», Director desportivo atleta, sou natural e residente, sei o sentir e o sofrer desta gente, pelo «enterro»(não posso apelidá-lo de outra coisa), do seu (deles e meu)querido e distrainte futebol. Pouco têm, os residentes desta aldeia, que lhe permita passar com o mínimo de alegria, os feriados e Domingos. Se não forem à «bola», só se forem emborrachar-se!!!

Não lhe destruam o pouco que têm, e, não abalem o seu orgulho. Por favor, dêem-lhe mais, não lhe extorquem o escasso que possuem. Contribuam para que eles se fixem no local onde nasceram, não provoquem a sua «Emigração», principalmente, se esta se escrever com E !!!

**Nunca se esqueçam que cada emigrante é uma luz que se**

**apaga na iluminação criadora de riqueza do seu país.**

**Sou Co-Fundador**

# **Saúde**



**Nas imediações do Grupo Desportivo, situa-se a Extensão de Saúde.**

**Telefone: 259646188**

# **Recreio**



**É bastante intenso, quer praticado neste próprio local, quer procurado noutras paragens; esta gente trabalhadora, é também votada ao divertimento e ao «bom viver».**

# Lazer



**Sendo as férias uma preciosidade rara, só ao alcance de uns poucos, não obstante o seu merecimento, é aos «Fins-de semana», que se torna mais acentuado, procurando essencialmente piscinas e rios, essencialmente no período de verão.**

**A caça ocupa-lhe uma boa parte do lazer.**

# Tradições

José Nogueira dos Reis



"Patinho no Carnaval"

**Provérbios, cantares, cultos, lendas, etc. com tradição em todo o «Douro» e «Trás-os-Montes», têm também aqui forte tradição e significado. O Carnaval é vivido com bastante intensidade.**

# Lendas

Por exemplo a lenda de que existe um túmulo nas «Fragas do Vale-Fentoso» e, também, uma «Víbora Encantada»

**Específica de St<sup>a</sup> Eugénia – Esta aldeia, tem um «Topónimo», e, uma «Padroeira», distinta do topónimo, porquê?**

**Reza a lenda, que o topónimo, deriva do grego:**

**Santa Eugénia**

# SANTA EUGENIA



Escrito Em Castelhana porque foi no Bairro de Madrid - onde aconteceu o onze de Março (11/03/2004)(Santa Eugenia) - que soube a origem do topónimo. É uma homenagem!!

EUGENIA



Ευγενειος, ευγενεια (*eugéneios, eugéneia*) es un adjetivo griego del que derivan los nombres de Eugenio y Eugenia, y significa bien nacido, bien nacida, de buen linaje, de buena índole, noble. Fue en griego y sigue siendo en sus traducciones, uno de los mejores elogios que se suelen hacer de una persona. Con él se expresan las cualidades innatas, las

que forman parte de la naturaleza de cada uno, aquellas con las que ha nacido. El prefijo *ευ* (*eu*) significa "bien", y *γενεϊος* (*géneios*) *γενεϊα* (*géneia*) significa "engendrado, engendrada"; con lo que el significado primitivo de este nombre es "bien engendrada". Se utilizó mucho, no sólo en el griego clásico, sino también en la coine como sobrenombre elogioso, designando especialmente la nobleza de espíritu, y de ahí pasó a convertirse en nombre propio cuya fuerza y belleza seduce a cuantos conocen su significado.

**Santa Eugenia** mártir de los primeros tiempos de la Iglesia. Su culto estuvo muy extendido desde los primeros siglos. La patrística cita el dístico que desde el siglo IV figuraba en la iglesia de san Avito: *Eugeniae dudum toto celeberrima mundo / fama fuit, dum dat Christi pro nómine vita*. (La fama de Eugenia fue célebre en todo el mundo porque dio la vida por el nombre de Cristo.) Con ser tan grande su celebridad, son escasos los datos biográficos que de ella se conservan. Cuenta la tradición que era Eugenia hija de Felipe, el prefecto de Alejandría que luego fue obispo de esta ciudad y sufrió el martirio. Cuenta asimismo que los santos Proto y Jacinto, que también sufrieron martirio, eran esclavos suyos. Fue ella misma quien les transmitió la fe en Cristo. También ella sufrió persecución y fue sometida a suplicio y muerte detrás de sus esclavos.

Las Eugenias celebran su **onomástica** el 11 de septiembre; pueden optar también por celebrarla el 3 de enero, en que se conmemora el martirio de santa Eugenia de África; o el 26 de marzo, conmemoración del martirio de santa Eugenia de Córdoba (Marmolejo), víctima de la persecución sarracena el año 923. En cuanto a la forma masculina de este nombre, ha sido también sumamente apreciada: dieciocho santos, entre ellos cuatro papas, lo llevaron. Se llamaron también Eugenio un emperador romano, siete reyes de Escocia y varios príncipes de casas europeas. Pero nadie como la emperatriz Eugenia dio lustre a este nombre. Nació en Granada (1826) y murió en Madrid en 1920. Vivió casi un siglo. Fue emperatriz de los franceses. Su apoyo al proyecto del canal de Suez fue decisivo.

Es el de **Eugenia** un nombre lleno de fuerza, que emana de su propio significado. Los nombres, como creían nuestros antepasados, tienen cada uno su propia virtud, y actúan como un talismán. El de Eugenia sabemos en qué dirección actúa: empuja a quienes lo llevan a ser coherentes con su nombre y a cultivar la nobleza de espíritu, la magnanimidad, la confianza en las propias fuerzas y toda la virtud que emana del mismo nombre; fuerza y virtud que han ido incrementando

cada una de las grandes mujeres que lo han llevado. Por ello las Eugénias pueden legítimamente sentirse orgullosas de su nombre y llevarlo como salvaguarda de la nobleza de espíritu que con él pregonan. ¡Felicidades!

<http://osereis.tripod.com>

## E a Padroeira, de uma «Lenda»!?!??



Diz-se, que «Santa Bárbara», Padroeira desta freguesia, costumava ser, injusta, brutalmente, e, mesmo «brutamente», castigada por seu pai; de tal forma que uma certa vez, ele se dirigiu para a filha, com o determinado propósito de a partir ao meio com um «machado». Deus, acudindo em defesa de St<sup>a</sup> Bárbara, no momento preciso em que o pai de «Bárbara», ia a desferir o mortal golpe, enviou um raio de trovão. «Bárbara, apercebendo-se do acontecido, pediu a Deus que lhe perdoasse. Então, o raio, apenas desfez o machado em mil pedaços, poupando o «carrasco». A partir daí, «Bárbara», passou a santa,

e, foi-lhe facultado o poder sobre as trovoadas. Devido a tal facto, as gentes deste local, entregaram o seu coração a «Eugénia», dando-lhe o nome da sua morada; a sua protecção, a «Barbara», que segundo eles, ainda hoje os vigia e protege do alto do monte com o seu nome (Cabeço de Santa Barbara).

# Artesanato



Outrora muito diversificado, hoje praticamente extinto.

## Brinquedos, Tradicionais

A «Carroça» e as «Banquinhas».

## Festas e ou Romarias

*Festas e romarias: Santa Bárbara (penúltimo domingo de Agosto) e Santa Eugénia (11 de Setembro)*



Em honra de Santa Bárbara, sempre na penúltima semana de Agosto

Natal, Páscoa e santos Populares

**Publicações**

Editorial de Santa Eugénia

(Boletim publicado na internete e de actualização Quinzenal)

COMENTE O  
SITE  
Por favor

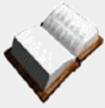
## Autor e Proprietário:



José Nogueira dos Reis



Gostou  
comente



## Apêndice Documental

● *José Nogueira dos Reis - Rua da Barreira, 12 Santa Eugénia 5070-411*

### Apendice Documental

I

Documento n.º 111 do Liber Feideii (fls. 39-39 v.)

TESTAMENTUM DE GARSIA PROLIS GADIZ ET DE UXORE SUA MAIORINA IN QUINTANELA ET IN REFONTOIRA IIII.a DE I.º KASAL

Domnis invictissimis ac triumphatoribus sanctisque martiribus luce gloriosa perfusis cuius basilica fundata esse dinoscitur in urbe Bracara civitate Sancte Marie semper Virginis et Sancti Salvatoris et Sancti Petri apostoli et aliarum reliquiarum que ibi recondite sunt. Ego famulus Dei Garsea prolis Gadiz et uxor mea Maiorina per bona pacis et voluntas ut faceremus Sancte Marie et Petro episcopo Bracarensi discurrente rivulo Corrago in loco predicto Quintanela quomodo fuit de meo avolo medietate integra et in Refontaria IIII.<sup>a</sup> de uno casale. Damus ipsam hereditatem pro remedio animarum nostrarum et pro nostro filio qui migravit ab hoc seculo paganus et non potuimos illaur penitentiam portare. Proinde damus eam quod absolvat Dominus nostra peccatum per benedictionem illius episcopi quia sic dicitur in Evangelio: «Quorum remiseritis peccata remittuntor eis et quorum retinueritis retenta erunt». Si quis tamen quod fieri non credimus aliquis homo venerit vel venerimus ad inrumpendum hoc testamentum tan de genere nostro quam de extraneis in primis sit excommunicatus et a corpore Domini segregatus et cum Iuda traditore habeat participium im eterna damnatione et insuper pariat ipsam hereditatem quadruplatam et duo auri talenta. Facta series testamenti die VIII<sup>o</sup> Idus Iunii Era M.<sup>a</sup> C.<sup>a</sup> XX.<sup>a</sup>. Ego Garsea et uxor mea Maiorina hunc seriem testamentum manibus nostris roboramus.

Eldrebedus archidiaconus conf., Gualtarius archidiaconus conf., Baltarius archidiaconus conf., Pelagio Eriz, conf., Gundisalvus Petriz conf., Gundisalvus ts., Eiriau ts. Merendo ts. Ero ts., Petrus episcopus conf.

### Tradução

TESTAMENTO DE GARCIA, FILHO DE GADIZ, E DE SUA MULHER MAIORINA EM QUINTELA E EM REFONTOIRA DA IV.<sup>a</sup> PARTE DE UM CASAL.

Aos Senhores poderosíssimos, gloriosos e santos mártires, aureolados da luz celeste, cuja basílica se encontra situada na cidade de Braga, cidade de Santa Maria sempre Virgem,

de S. Salvador e de S. Pedro Apostolo e de outras relíquias que aí se conservam. Eu, servo de Deus, Garcia, filho de Gadiz, e a minha mulher Maiorina de mutuo acordo e voluntariamente fazemos (à igreja de) Santa Maria e a Pedro, bispo de Braga, no referido lugar de Quintela, perto do rio Corgo, a metade integra, como foi do meu avô, e em Refontoira uma quarta parte de um casal. Damos essa herdade para bem das nossas almas e pelo nosso filho que partiu deste mundo por baptizar e não podemos suportar aquele desgosto. Alem disso damo-la para que o Senhor absolva os nossos pecados com a benção daquele bispo, porque se diz assim no Evangelho: «Aqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados e aqueles a quem os retiverdes serão retidos». Se, porem, o que não acreditamos venha a acontecer, algum homem vier (ou nos viermos) para desfazer este testamento, tanto da nossa descendência como de estranhos, em primeiro lugar seja excomungado e com Judas traidor precipitado no inferno, e, depois, pague em quadruplo essa herdade e dois talentos de ouro. Feito este testamento dia 6 de Junho de 1082. Eu Garcia e minha mulher Maiorina corroboramos com as nossas mãos este testamento.

Eldebrede, arcediago, confirma; Gualtário, arcediago, conf.; Baltário, arcediago, conf.; Pelágio Eriz, conf.; Gonçalo Peres, conf.; Gonçalo, teste- munha; Eirigo, test.; Mendo, test.; Pedro, bispo, confirma.

## II

Documento n. ' 122 do Liber Fideiei (fls. 42) e n. ' 600 (fls. 158)

### TESTAMENTUM IN PANNONIIS DE GONTRODE NUNIZ COMITISSA ET ILDUARA MENENDIZ.

Domnis invictissimis ac triumphatoribus sanctisque martiribus luce gloriose perfusus cuius baselica fundata dinoscitur sedis Bracarensis metropolitana ecclesia. Ego Gontrode comitissa prolix Nuniz et Ilduara Menendiz annuit enim mihi voluntas ut pro remedio anime mee facio testamentum ad illa sede que est misera et orbata et vobis Petro episcopo et omnibus clericis canonicis ecclesie de hereditate mea propria quam habeo in territorio Pannonias, villa que vocitant Quintanela subtus monte Celalorios et rivulum Corrago territorium Bracarense. Obinde ego comitissa donna Gontrote ut de hodie et tempore sit de iure meo abrasa et in iure de illa sede sit confirmata semper habitura. Ut si aliquis ex generis mei evenerit tam de propinquis quam extraneis vel exter sit extraneis a sancta ceta (por cetu) ecclesia et insuper illa hereditate in quadruplo et duo auri talenta et regi qui illam terram imperaverit suo iudicato et illa sede perpetim habitura. Ego comitissa donna Gontrote prolix Nunus et Ilduare manu mea confirmo. Et illa hereditat per suos terminos et locos antiquos cum omni sua prestantia ubi eam potueritis invenire et ganavi eam cum viro meo comite domno Velasco. Aditio etiam hic uno frontal grecisco de VIII.º cubitos in longo et sicut illa ecclesia in amplo et uno fagazario nomine Galindo et illum passionarium, ipsum mihi bene complacuit et ipsa professione feci ea in monasterio Argintin in mea salute et sana mente ablata ubi fuerunt multi filii bonorum hominum. Facta series testamenti Era M.ª C.ª XX.ª VI.ª manu mea roboro.

Qui pesentes fuerunt: Aloitus abba ts., Mitus ts.; Frogia ts., Petrus ts., Argelo., Eldrebedo

archidiacono, Menendus Brandilaz conf., Galindus archidiaconus conf., Baltarius archidiaconus, Menendus Mennendiz conf., Pelagius Arias conf., Petrus episcopus confirmo.

### **Tradução**

#### TESTAMENTO EM PANOIAS DE GONTRODE NUNES, CONDESSA, E ILDUARA MENDES.

Aos Senhores poderosíssimos, gloriosos e santos mártires, aureolados de luz celeste, cuja basilica se encontra situada na igreja metropolitana e sé Bracarense. Eu a condessa Gontrode, filha de Nuno, e Ilduara Mendes decidi por minha vontade, para remédio da minha alma, fazer testamento aquela se que e pobre, e a vós Pedro, bispo, e a todos os cônegos dessa igreja, da minha herdade que possuo no território de Panoias, a «vila» (unidade agrária) conhecida por Quintela, por baixo do monte de Sirarelhos e perto do rio Corgo, território de Braga. Por isso, eu a condessa D. Gontrode seja privada desde já e para sempre do meu direito e nele seja confirmada perpetuamente aquela sé. Que se alguém da minha descendência, tanto dos próximos como dos afastados, ou estrangeiro que seja estranho a esta santa igreja, vier (desfazer este testamento pague) no quadruplo aquela herdade e dois talentos de ouro e ao rei que naquela terra mandar o seu julgamento, e que aquela a mantenha perpetuamente. Eu condessa D. Gontrode, filha de Nuno, e Ilduara com minha mão confirmo. E aquela herdade com seus termos e lugares antigos, com a sua prestanta onde a puderdes encontrar, e que eu ganhei com meu marido o conde D. Vasco. Junto também aqui um frontal grecisco de oito côvados de comprido e ainda aquela igreja no amplo e único fangazário de nome Galindo, e aquele livro passionário (livro da Paixão de Cristo ou dos sofrimentos dos martires);

Estiveram presentes: Aloito, abade, testemunha; Frógia, test.; Pedro, test.; Argelo, test.; Eldebreto, arcediogo, Mendo Boadilaz confirma; Galindo, arcediogo, conf.; Baltário, arcebispo, Mendo Mendes, conf.; Pelágio Arias, conf.; Pedro, bispo, confirma.

### III

Extracto das Inquirições de D. Afonso III 1258 (fls. 258?)

#### PARROCHIA SANCTE MARIE DE FEYRA DE CONSTANTI

Incipit Parrochia Sancta Maria de Feyra de Constanti.

Donus Vivas tabelion de Panonijs, Juratus et interrogatus dixit... Et audivit dicere hominibus qui sciebant quod turris que stat in quintella compezada (?) et unam peciam de ipsis casis et de ipsa quintana contra fundum que stant in Regalengum. Et ita audivit quod campum quod Jacet sub ipsa quintana quod fecit Regis. Et modo habent totum istud Regalengum filij donni et nepoti Elvira Velasquiz et Ordo hospital et non faciunt inde forum Regi.

### **Tradução**

Em portugues arcaico

## EXTRACTO DAS INQUIRICOES DE D. AFONSO III, 1258

Julgado de Panoyas

F.<sup>a</sup> iij.<sup>a</sup> xviiij.<sup>a</sup> dias de Setembro.

Freguisia de Sancta Maria da Feira de Constantim.

D. Vivas Tabelion de Panoijas jurado e perguntado disse que (...) oiuiu dizer a omes que sabiã que a torre que esta compeçada en Quinteela e j.<sup>a</sup> peça dessas casas e dessa quintaã contra fondo que esta en regeego e assi oiuiu dizer que o campo que iaz so essa quintaã que foi regeego...

Gonçalo Mendes de Jales moordomo jurado e perguntado disse que (...) oiuiu dizer a homees que sabia que avia j.<sup>o</sup> leira de regeego no conchouso que ias apar de a torre de Quintela e ora tena Pero Botelho e não faz ende foro a a El Rej...

Em português actual

Julgado de Panoias.

Feita de três a dezoito de Setembro.

Freguesia de Santa Maria da Feira de Constantim.

D. Vivas, Tabelião de Panoias, jurado e perguntado disse que (...) ouviu dizer a homens que sabiam que a torre que esta começada em Quintela e uma peça dessas casas e dessa quinta, para baixo, está (ou é) reguengo e tambem ouviu dizer que o campo que se situa por baixo dessa quinta foi reguengo. E agora tem todo este reguengo os filhos e netos de D. Elvira Vasques e a Ordem do Hospital e não pagam daí foro ao Rei.

Gonçalo Mendes de Jales, Mordomo, jurado e perguntado disse que ouviu dizer a homens que sabiam que havia um leira de reguengo no tapado que se situa a par da torre de Quintela e agora tem-na Pero Botelho que não paga dai foro a El-Rei.

IV

### LEITURA DA MEMÓRIA DESCRITIVA DO TOMBO

-Um Torre forte e bem construída de cantaria, a qual e quadrada e tem de nascente a poente nove varas e de norte a sul sete e meia.

- Cinquenta e duas fiadas ate onde tem as ameias, e toda tem a volta ameias; tem em cada um dos quatro cantos sua guarita e varandas e tem mais a dita Torre quatro janelas, cada uma em sua face, com varandas de pedra saída para fora. Não se pode medir a altura dela por não ter sobrado nem se poder subir a ela. A vista por dentro mostrava ser antigamente de três sobrados (pavimentos), porquanto tem gatos de pedra metidos na parede para isso; tem mais a dita Torre quatro friestas por baixo das ditas janelas; tem uma porta de arco a entrada, a qual antigamente tinha uma escada de pedra por que se subia. E disse Pedro Carvalho que, quando comprara as propriedade desta quinta de Quintela a Gaspar de Seixas de Afonseca, já era desfeita a dita escada, por Gaspar de Seixas a desfazer e se aproveitar da dita pedra. Esta Torre é cabeça de morgadio e como tal pertence in solidum e livre a D. Francisco de Portugal, possuidor do dito morgadio, e dos mais que lhe sucederem, como vai declarado atrás no auto de

reconhecimento. E do mesmo modo e também livre in solidum do dito Conde a Capela da invocação de Santa Maria Madalena, que tem de comprido de nascente a poente cinco varas e de largo de norte a sul quatro varas. Esta dita capela, dentro da dita quinta, tem uma sala para dentro para a parte do sul. Também um terreiro em frente da capela que fica entre a capela e a Torre e tem de comprido de nascente a poente vinte e cinco varas e de largo de norte a sul doze varas; parte do nascente com o caminho que vai para a povoação de Quintela e do poente com outro caminho e do sul com o portal antigo da mesma quinta.



Assuntos

## **REZAS E MEZINHAS**

### **DA**

## **MEDICINA POPULAR**

### REZA E BENZEDURA

#### Para o côxo

Sintomas: bolhas de água, dores e prurido.

A benzedeira começa benzendo-se, depois oferece a reza a Nossa Senhora das Dores. Em seguida reza o Pai-nosso e Avé Maria. Enquanto reza benze com alho nove vezes o corpo da pessoa com o côxo.

Isto repete-se nove dias seguidos, mas ao fim de três dias já se deve notar as melhoras.

Para que surta o efeito é necessário acreditar (Ter fé)

### BENZEDURA E REZA

Para a esípula

(nome científico: erisipela)

Sintomas: infecção da pele da cara e do corpo. Doença provocada pelo calor, originando graves dores musculares.

A benzedeira começa benzendo-se, depois benze em cruz as chagas com carqueja e azeite virgem, dizendo: Pedro Paulo foi a Roma, Jesus encontrou. Jesus Cristo lhe perguntou: - Onde vais Pedro Paulo? - Vou a Roma cortar a esípula e espinhela que muita gente morre dela. - Volta atrás Pedro Paulo, que essa esípula será curada com carqueja do monte e azeite do lago (virgem).

Por Deus e pela Virgem Maria a esípula será curada, um Pai-nosso e uma Avé Maria.

Repete-se esta reza durante nove dias seguidos.

## BENZEDURA PARA O VENTRE CAÍDO

Nos bebés

### Sintomas: vômitos constantes

A benzedeira coloca o bebé sobre as suas pernas, com a cabeça para baixo e de peito virado para cima. Ao dizer a ladainha vai benzendo em cruz o ventre do bebé nove vezes.

Ladainha: homem bom me deu pousada, mulher má cama de fentos e manta molhada, ergue-te ventre se Deus te mandar.

No final dá-se três sapatadas nas plantas dos pés do bebé e sacode-se pegando nos pés com a cabeça para baixo.

Repete-se esta reza durante três, cinco ou nove dias seguidos.

## BENZEDURA PARA A ESPINHELA CAÍDA

é nos adultos o ventre caído

A ladainha é a mesma da reza anterior mas o processo é o seguinte: o adulto está de pé, traça os braços, a benzedeira sacode-o, rezando.

No final deita-se o paciente na cama para o corpo descansar.

Repete-se três, cinco ou nove dias seguidos.

## BENZEDURA DO "AR"

Sintomas: dor de cabeça, vômitos e má disposição.

A benzedeira põe numa pá ramos bentos, semente de nabiça, café moído, nove areias de sal, nove grãos de chumbo e nove brasas.

Quando tudo estiver a arder deita um fio de azeite nos ramos bentos. Aqui se a pessoa em questão tiver realmente "ar" então a chama apaga-se. Senão a chama continua a arder.

Ladainha:... Nome da pessoa... Deus te fez, Deus te criou, Deus te tire o mal que no teu corpo entrou. A virgem Nossa Senhora defumou o seu amado Filho no romeiro para cheirar. Eu defumo-te a ti para melhorares. Um "ar" te deu, três to tiraram, São Pedro, São Paulo e São João. Em honra e em louvor do S<sup>o</sup> Sacramento que te saia o mal para fora e que te entre o bem para dentro. Arde vivo arde morto, arde excomungado sai deste corpo. Onde eu puser a minha mão, Deus ponha a sua santa bênção. Reza um Pai-nosso e uma Avé Maria. A pessoa em questão baixa a cabeça e a benzedeira benze-a em cruz com a pá. Espalha-se o sal em cruz pela casa. Se for bebé passa-se este por cima dos fumos em cruz. Repete-se três, cinco ou nove dias seguidos.

## REZA E BENZEDURA

Para cortar as lombrigas

Sintomas: o nariz fica húmido e ratado, grandes dores de barriga.

A benzedeira prepara azeite num prato e benze a barriga da pessoa com as lombrigas em cruz com o azeite nos dedos. a planta dos pés com azeite e alho. Depois pega numa faca e fazendo cruces diz: - bichas talho, bichas corto, bichas disparato, assim como Deus repartiu o pão aos bocados eu vos talho a vós. Em honra e louvor de Nosso Senhor vós sereis todas destruídas. Um Pai-nosso e uma Avé Maria. Esfrega os pulsos, a barriga e

## REZA E BENZEDURA

Para o pé arralado (pé torcido)

Sintomas: pé inchado e dorido.

A pessoa que faz esta benzedura é original, na medida em que só a pode fazer

tendo duas crianças de um ventre só. Embora só um pé esteja arralado têm que ser passados os dois, mas um de cada vez, nove vezes na mesma altura. Ladainha: a benzedeira pergunta à pessoa com o pé arralado: - Porque arralaste? A pessoa responde: - Porque semeaste. A benzedeira diz: conforme eu curei da minha paridura assim tu cures da tua raladura.

Em louvor da Virgem Maria um Pai-nosso e uma Avé Maria, e reza-se.

Durante nove dias repete-se esta ladainha.

Autor: José Nogueira dos Reis

■  
Capela de Santa  
Bárbara



■  
Pelourinho e  
Sede da Junta de  
Freguesia de Santa  
Eugénia



■  
Sede do Grupo  
Desportivo de Santa  
Eugénia  
- Casa Cultural -



■  
Quinta do Recunco  
- Turismo Rural -



■ Igreja Matriz - Interior

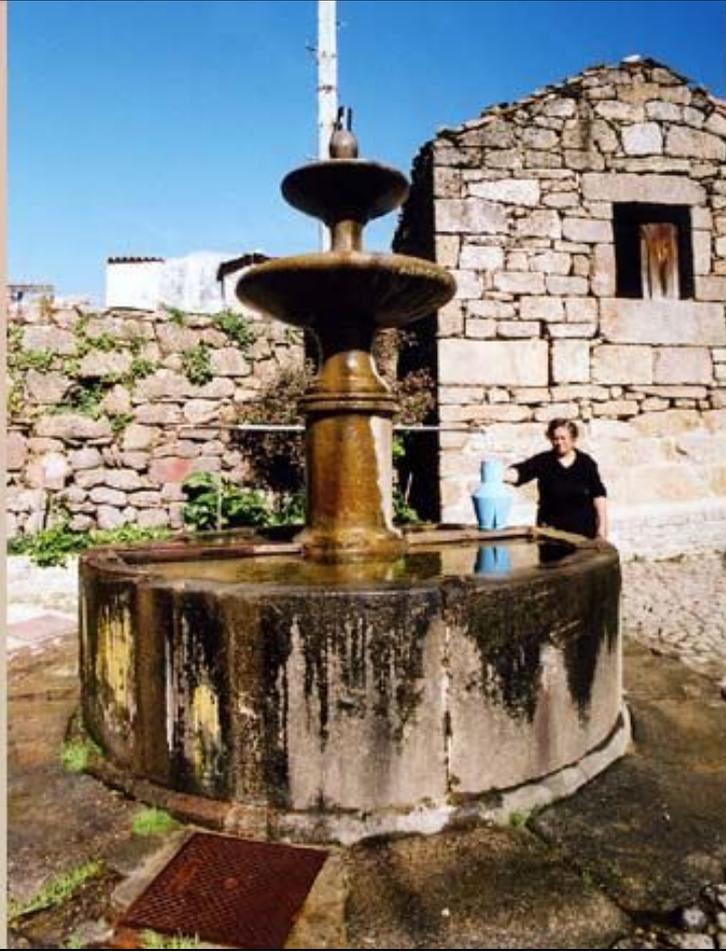


■ Fonte de Mergulho





Chafariz



■  
Centro de Dia em  
apoio à Terceira Idade



■ Casa Brasonada na Rua do Vale



■ Casa Agrícola de Santa Eugénia

